



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCEG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**REJANE MARIA LEITE DE OLIVEIRA MACÊDO**

**TRAMAS POLÍTICAS DE UMA LÍDER: O PODER DE MARICA MACÊDO NA  
CIDADE DE AURORA - CEARÁ (1908-1924)**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2019**

**REJANE MARIA LEITE DE OLIVEIRA MACÊDO**

**TRAMAS POLÍTICAS DE UMA LÍDER: O PODER DE MARICA MACÊDO NA  
CIDADE DE AURORA - CEARÁ (1908-1924)**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Silvana Vieira de Sousa.

**CAJAZEIRAS – PB**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-046  
Cajazeiras - Paraíba

M141t Macêdo, Rejane Maria Leite de Oliveira.

Tramas políticas de uma líder: o poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora - Ceará (1908-1924) / Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo. - Cajazeiras, 2019.

93f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.

Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Liderança. 2. Landim, Maria da Soledade - Memória. 3. Mulher - século XX. 4. Cultura política - Aurora - Ceará - 1908-1924. I. Sousa, Silvana Vieira de Sousa. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 316.46

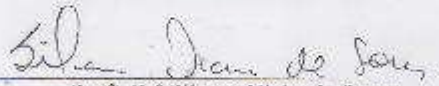
REJANE MARIA LETTE DE OLIVEIRA MACÊDO

TRAMAS POLÍTICAS DE UMA LÍDER: O PODER DE MARICA MACÊDO NA  
CIDADE DE AURORA - CEARÁ (1908-1924)

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Aprovada em 02 / 12 / 2019

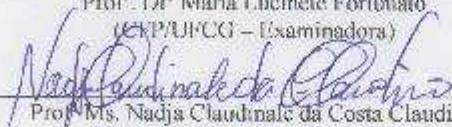
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr<sup>a</sup> Silvana Vieira de Sousa  
(CFP/UFCG - Orientadora)



Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Lucinete Fortenato  
(CFP/UFCG - Examinadora)



Prof. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino  
(Examinadora)

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira  
(CFP/UFCG - Suplente)

A Deus, aos meus pais,  
esposo, filhos, família e  
amigos.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das maiores dádivas do ser humano. Como é gratificante ter a quem agradecer e saber que fomos amparados por muitos nos momentos de dificuldades.

Imensamente grata a Deus por ter me possibilitado viver essa experiência, sempre me iluminando e fortalecendo nos momentos de angústia e dificuldades.

Um agradecimento especial a minha professora e orientadora Dr<sup>a</sup> Silvana Vieira de Sousa que soube conduzir a situação, sugerindo leituras e apontando os caminhos a seguir. Obrigada pela confiança e empenho.

Aos professores e funcionários do CFP que sempre tiveram dispostos a ajudar.

Aos meus colegas de turma: Clairton, Darlan, Iranete, Jéssica, Leiana, Marília, Maíza, Mônica, Rafael, Roberto, Sibelle. Obrigado por vocês terem me emprestado ânimo sempre que precisei. Um agradecimento especial a Maíza pelo incentivo, pelas orientações e colaboração nessa pesquisa e a Sibelle pelas sugestões dadas no decorrer do curso. Minhas colegas de lutas e labuta, tenho um carinho enorme por vocês.

Imensamente grata a meus familiares, em especial aos meus pais Antônio e Sônia pelo apoio e amor incondicional. Aos meus queridos irmãos Regivaldo, Clóvys, Rodrigo, Adriano, Ronildo e Antônio Júnior pela confiança que sempre depositam em mim. A minha vó paterna Mundinha (in memória) que sempre me ensinou a ser uma pessoa melhor. Seria uma grande alegria compartilhar com você esse momento. A minha vó materna Moreninha, essa mulher forte e determinada. Agradeço a meu esposo Tadeu pela compreensão, apoio e torcida a favor. Aos meus filhos Lucas, Sara e Daniel, os maiores incentivadores dessa conquista. Foram eles que me estimularam a buscar novos conhecimentos. Muitas vezes vi os papéis se inverterm. Saibam que a insistência de vocês foi essencial para que eu fosse adiante apesar das dificuldades. Vocês foram apoiadores e orientadores. Amo vocês.

Agradeço aos colegas de ônibus, em especial a minha amiga Dalvani que compartilhou comigo momentos de alegria e de tristeza, tanto na UFCG, como nos estágios. Acreditem, as melhores coisas da vida acontecem com suor e dedicação.

Não poderia deixar de agradecer aos entrevistados que muito contribuíram para essa pesquisa: Vicente Landim de Macêdo, Damião Leite de Macêdo, Cícero Saraiva Neto, José Cícero Silva e José Alves de Souza.

Não foi fácil, mas trago comigo que, com determinação, apoio e coragem tudo é possível. Agradeço todas as dificuldades que passei, pois elas foram essenciais para o meu crescimento.

*“A vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda, e como recorda para contá-la” (MÁRQUEZ, 2003, p. 5).*

## **RESUMO**

A pesquisa exposta tem como objetivo analisar, através da memória de cidadãos de Aurora – Ceará as representações em torno de Maria da Soledade Landim, codinome Marica Macêdo, cuja história de vida tornou-se evidente no primeiro quartel do século XX(1908- 1924), período em que ganhou notoriedade após o Fogo do Taveira (revolta que aconteceu em Aurora - Ceará), até sua morte. Nesse período a figura feminina era excluída do espaço público, papéis dos homens e das mulheres eram bem definidos, mas a personagem ultrapassou barreiras e se destacou entre lideranças. Busco compreender como se encontra na memória dos aurorenses essa sua história de mulher, que como dizem a literatura com a qual dialogamos, rompeu paradigmas impostos pela sociedade patriarcal, enfrentado ou fazendo alianças com grandes políticos da região do Cariri cearense. Como percurso metodológico, recorreremos aos procedimentos da história oral na gravação de entrevistas. A perspectiva teórica se insere no campo da História Social e Cultural, dialogando também com a História e Gênero.

**PALAVRAS CHAVE:** Aurora-CE; Cultura-Política; Oralidade; Memória; Século XX; Mulher; Poder.



## **ABSTRACT**

The research aims to analyze, through the memory of citizens of Aurora - Ceará the representations around Maria da Soledade Landim, codenamed Marica Macêdo, whose life story became evident in the first quarter of the twentieth century (1908-1924). , period in which it gained notoriety after the Taveira Fire (revolt that took place in Aurora - Ceará), until his death. In this period the female figure was excluded from the public space, roles of men and women were well defined, but the character crossed barriers and stood out among leaders. I seek to understand how is in the memory of the Aurorans their history of women, which as the literature with which we talk, broke paradigms imposed by patriarchal society, faced or making alliances with great politicians of the region of Cariri Cearense. As a methodological route, we resorted to oral history procedures in recording interviews. The theoretical perspective is inserted in the field of Social and Cultural History, also dialoguing with History and Gender.

**Keywords:** Aurora-CE; Political Culture; Orality; Memory; 20th century; Woman; Power.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Maria da Soledade Landim - Marica Macêdo.....	30
FIGURA 2: Árvore Genealógica da Família Macêdo.....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I: POSSIBILIDADES PARA A ESCRITA DA HISTORIOGRAFIA: MULHER, POLÍTICA E PODER EM AURORA-CEARÁ DOS ANOS 1908-1924</b> .....	14
1.1 Percorrendo caminhos: um novo olhar dos historiadores sobre a história política.....	14
<b>CAPÍTULO II: MARICA MACÊDO: ENTRE O ECONÔMICO E O POLÍTICO NA CIDADE DE AURORA-CE NOS IDOS DE 1908 A 1924</b> .....	24
2.1 Contexto histórico brasileiro e nordestino de fins do século XIX e início do século XX.....	24
2.2 Formação política, social e econômica da cidade de Aurora-Ceará no século XIX e XX.....	26
2.3 Quebrando os padrões: do círculo doméstico ao poder.....	30
<b>CAPÍTULO III: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: AS MÚLTIPLAS FACES DE MARICA MACÊDO NA CIDADE DE AURORA – CEARÁ DE 1908 A 1924</b> .....	38
3.1 Memórias e histórias de Marica Macêdo: lembranças de “uma mulher forte e corajosa”.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>FONTES</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>ANEXO I</b> .....	56
<b>APÊNDICE A</b> .....	57
<b>APÊNDICE B</b> .....	62

## INTRODUÇÃO

A partir da observação da pequena quantidade de trabalhos voltados sobre a historiografia local em Aurora-Ce, espaço de vivências de Marica Macêdo, e das lacunas existentes na sua história, objetivamos produzir o presente estudo com a finalidade de, através de métodos de pesquisa científica, enriquecer e debater a história de vida dos que ficaram no anonimato nacional, impedindo que acontecimentos tão importantes caíam no esquecimento.

A trajetória de vida de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará, nos leva a uma investigação que vem permeada por questões que sugerem analisar os fatos por diferentes ângulos, entendendo como ela se destacou no município ao se impor contra os potentados da época através de embates e alianças, percebendo como a mesma influenciou nesse cenário político brasileiro dominado pelo ambiente tipicamente masculino.

A análise se deu através do contato com falas e depoimentos de moradores e familiares que nos possibilitam entender o contexto político e social no qual estava inserida Marica Macêdo, para então compreender o que consta na memória dos que dela se recordam e quais os motivos alegam sobre a sua posição de poder como mulher em uma sociedade patriarcal e coronelista. Esses documentos destacados pela perspectiva teórica e a metodologia da História Oral deram suporte à realização da pesquisa. Além das fontes orais, utilizamos com frequência os trabalhos de memória que também apresentam um substrato essencial para a pesquisa.

A abordagem temática do presente estudo está voltada para o campo social, cultural e político como forma de produção e reprodução de relações de poder.

A partir da renovação da história, o poder passou a ser visto por outra vertente. Com base nas análises de Foucault, o poder não emana somente do estado, mas também a partir de outras formas de dominação, através de uma prática social, uma descentralização que surge, muitas das vezes, em virtude da necessidade familiar em compor “grupos de luta” com a função principal de promover a defesa da família. O poder desenvolve-se por meio de atitudes, gestos e saberes.

Baseado nesse contexto, no período de 1908-1924 Marica Macêdo ganhou notoriedade, agindo anteriormente através dos filhos, e tomando as rédeas da situação após um episódio marcante conhecido como “Fogo do Taveira”.

Trabalhar com a fonte Oral é uma tarefa árdua, onde se faz necessário encarar críticas e desafios para que esses relatos se tornem fontes históricas e conhecimento científico. Para isso, algumas etapas burocráticas tiveram que ser vencidas. O primeiro passo foi a submissão

do projeto ao comitê de ética através da Plataforma Brasil. Após isso, certa dificuldade foi enfrentada em relação a etapa de seleção dos entrevistados, em virtude da grande maioria pessoas alegar indisponibilidade ou indisposição para colaboração, inclusive nenhuma mulher se dispôs a falar, todas procuradas se negaram a abordar sobre esse tema.

O processo de coleta dos dados seguiu os seguintes passos: em um primeiro momento buscamos estabelecer um vínculo com o entrevistado, despertando, assim, um laço de confiança com o mesmo. Em um segundo momento, cuidamos em organizar a coleta de nossa documentação. Aqui o papel do gravador foi importantíssimo neste processamento, tendo em vista que não há como trabalhar com história oral sem a utilização deste aparelho. Após a gravação do depoimento, foi solicitado a autorização do depoente para utilização de suas palavras na elaboração do presente trabalho. O momento de maior significado nesse processo diz respeito à realização das entrevistas. Um roteiro prévio com perguntas semiestruturadas foi utilizado como norteador da entrevista, o qual com o decorrer do depoimento poderia ser modificado e acrescido com novas perguntas. Por vezes os entrevistados extrapolaram as indagações e foram além do tema abordado, contudo o entrevistado não era interrompido, e após a conclusão do pensamento ocorria a orientação/direcionamento para o foco principal.

Após a conclusão das entrevistas, foi dado início a fase de transcrição, realizada de forma integral, de acordo com o vocabulário e emoções transmitidas pelos entrevistados; a partir das transcrições foi possível realizar a análise e discussão dos aspectos formadores da pesquisa.

Os entrevistados foram:

Vicente Landim de Macêdo, 88 anos de idade, residente em Brasília, Procurador Federal aposentado. A entrevista foi concedida no dia 26 de junho de 2019 em uma de suas passagens pela terra natal, Aurora-Ceará.

Damião Macêdo Leite, 80 anos, residente em Aurora- Ceará, Sindicalista aposentado. A entrevista foi concedida no dia 27 de junho de 2019 na sua residência.

Cícero Saraiva Neto, 64 anos, residente em Aurora- Ceará, poeta e repentista. A entrevista foi concedida na sua residência, no sítio Coxá, na cidade de Aurora, no dia 01 de setembro de 2019.

José Cícero da Silva, 52 anos, residente em Aurora- Ceará, Secretário de Cultura do município de Aurora-Ceará. Formado em Biologia, porém possui uma longa militância na produção de matéria jornalística, como também possui interesse no estudo da História do Cariri e de Aurora. A entrevista foi concedida na Secretaria de Cultura do município de Aurorano dia 30 de outubro de 2019.

José Alves de Souza, conhecido popularmente por Zuca, 86 anos, residente no sítio Tipi, distrito de Aurora, Metalúrgico aposentado. A entrevista foi concedida na sua residência no dia 10 de novembro de 2019.

Desse modo, discutiremos e buscaremos a seguir analisar toda essa conjuntura ocorrida em Aurora-Ce no início do século XX, para que as lacunas da história sejam preenchidas, enriquecendo cada vez mais a sociedade atual e futura, dando visibilidade àqueles esquecidos pela história de anos anteriores.

Assim, estruturamos nosso trabalho em três capítulos. O primeiro intitulado: *Possibilidades para a escrita da historiografia: mulher, política e poder em Aurora - Ceará dos anos 1908-1924* ficará por conta da análise técnica e metodológica da historiografia e estudos do mundo da política e do poder na perspectiva dos discursos memorialistas e as memórias sociais construídas acerca de Maria da Soledade Landim.

No segundo capítulo, intitulado: *Marica Macêdo: entre o econômico e o político na cidade de Aurora-Ceará nos idos de 1908 a 1924*, propomos apresentar a história de vida de Marica Macêdo, inserida segundo os escritos numa sociedade de tradição senhorial, machista, em um período marcado pelo fenômeno do coronelismo na cidade de Aurora - Ceará nos anos de 1908 a 1924. Nessa perspectiva o capítulo tem como intuito compreender os aspectos da realidade política brasileira no início no século XX com ênfase nos aspectos do contexto regional e principalmente na cidade de Aurora-Ce.

Por fim, o terceiro capítulo intitulado *Histórias e memórias: as múltiplas faces de Marica Macêdo na cidade de Aurora – Ceará de 1908 a 1924*, onde objeto de estudo se apresenta de forma mais pontual. Nesse, a história de Marica Macêdo será abordada através das análises das entrevistas que se tornou para o presente trabalho a documentação principal. Será realizado um diálogo com a historiografia local no que se pauta o objeto de estudo, figura política na cidade de Aurora-Ceará nos anos de 1908 a 1924.

## **CAPÍTULO I**

### **POSSIBILIDADES PARA A ESCRITA DA HISTORIOGRAFIA: MULHER, POLÍTICA E PODER EM AURORA - CEARÁ DOS ANOS 1908-1924.**

Nesse capítulo buscaremos dar enfoque aos fundamentos teórico-metodológicos da historiografia e estudos do mundo da política e do poder como embasamento para reflexões e encaminhamentos necessários para que possamos nesse estudo situar os discursos memorialistas e as memórias sociais construídas acerca de Maria da Soledade Landim. Conhecida como Marica Macêdo, cuja história de vida se situa no último quartel do século XIX, nasceu na cidade de Missão Velha, na microrregião do cariri cearense. Marica Macêdo mesmo não tendo exercido cargos políticos se faz presente constantemente na memória histórica e social da população de Aurora - Ceará, cidade a qual se instalou em busca de melhores condições de vida, mostrando-se viva no contexto político e social da cidade de ontem e hoje.

Falar sobre essa memória de Marica Macêdo nos colocou sob a perspectiva de trabalho com a história oral, percurso metodológico utilizado no presente trabalho e que tem se colocado para nós historiadores como um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais em todas as camadas da sociedade.

Nesse capítulo, nosso objetivo é apresentar os referenciais teóricos e procedimentos metodológicos utilizados para pensar Marica Macêdo no contexto político e social, o que nos faz definir nosso campo de abordagem temática sobre a política como campo de produção e reprodução de relações de poder.

#### **1.1 PERCORRENDO CAMINHOS: UM NOVO OLHAR DOS HISTORIADORES SOBRE A HISTÓRIA POLÍTICA**

No final do século XIX, exaltados pelo Positivismo e com a finalidade de construir uma história nacional, várias províncias fundaram Institutos Históricos. No caso da historiografia do Ceará, de acordo com a Revista do Instituto do Ceará (p.113-114 em Jornal Tribuna do Ceará, 1977), sua gênese se deu em 1887 com a criação do IHGAC (Instituto Histórico

Geográfico e Antropológico do Ceará) por doze sócios-fundadores<sup>1</sup>. De acordo com FREIRE e SILVA (2018, p.441-442), os precursores eram políticos, médicos e jornalistas que possuíam “o intuito de tornar conhecida a História e a Geografia da província, bem como seus aspectos antropológicos” (ESTATUTOS DO INSTITUTO DO CEARÁ, art. 01, 1887, p. 9).

Entre os sócios-fundadores do Instituto, ressaltamos o barão Guilherme Studart, um pesquisador incansável que, segundo Batista (2014, p. 115), “contava com a ajuda de seus correspondentes e amigos”. Studart coletou numerosas documentações do Brasil colônia, assim como possuía “documentos referentes a diversos temas ligados à História do Ceará em seu arquivo particular, como sesmarias, cartas de doação, termos de concessão, escrituras, pareceres, laudos, cartas régias, mapas, etc. (BATISTA, 2014 p.119).

Ainda de acordo com Batista (2014, p. 119), Guilherme Studart começou a coletar material para seu arquivo em viagens realizadas por países europeus entre 1884 e 1914. Muitos foram encontrados em arquivos públicos e particulares, cartórios e bibliotecas, tanto no Brasil quanto no exterior, particularmente na Torre do Tombo em Lisboa, na Espanha e na Biblioteca de Santa Genoveva em Paris.

Instigados com o pensamento social de fins do século XIX e início do século XX, os membros do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará seguiam os fundamentos teóricos e metodológicos da historiografia produzida pelo IHGB, que se preocupava com a integridade e autenticidade das fontes históricas, onde prevalecia na escrita a atuação dos fatos dos “grandes homens”, seguindo o pragmatismo dos positivistas.

Nascimento (2018) demonstra o rigor metódico da chamada escola positivista empregado pelo Instituto do Ceará, da seguinte maneira:

Respondia a lógica de uma história eurocêntrica e positivista, característica das instituições fundadas no contexto do século XIX, neste sentido, seu discurso seria voltado a um enaltecimento de um grupo e o esquecimento de outro, ou seja, uma escrita que caminhava nos limites da inclusão e da exclusão. (NASCIMENTO, 2018, p. 56).

Entretanto, nas últimas décadas tem sido constante a preocupação dos historiadores para que as vozes dos esquecidos da história ecoem, buscando reparar a injustiça promovida pela história tradicional, que só dava vez aos vencedores, dificultando a compreensão da história como experiência humana de diversos sujeitos. Desde o início do século XX iniciou-se um movimento de crítica a essa forma dominante da história, mais especificamente nas

---

<sup>1</sup>Os sócios-fundadores do Instituto do Ceará foram: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart (Barão de Studart), Joaquim de Oliveira Catunda, Padre Dr. João Augusto de Frota, João Baptista Perdigão de Oliveira, Antônio Augusto de Vasconcelos, Antonio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José Sombra, Virgílio Brígido e Virgílio Augusto de Moraes.



últimas quatro décadas, onde a historiografia começou a expandir-se com a diversificação de novas abordagens, contribuindo para criar uma nova paisagem na história. Nesse contexto, passaram a ser analisados o universo cultural e simbólico, as religiosidades, os costumes e as diversas manifestações culturais. Passaram a ser considerados e utilizados como documentos históricos todas as evidências, registros da experiência humana (FONSECA, p.56, 2009). Esse novo olhar para a história possibilitou múltiplas leituras e interpretações, mostrando que os registros da história são semeados de lacunas. Assim, nessa produção do conhecimento histórico tiveram lugar as práticas do cotidiano. Ocorreu um esforço dos historiadores pela desconstrução dos objetos tradicionais da história política, essa se desprende dos heróis e grandes acontecimentos, de viés apologético e legalista na conformação dos fatos e feitos dos que conduziam a política e as regras da sociedade.

Na apresentação de Usos e abusos da história oral, organizada por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, as autoras ponderam que:

A virada dos anos 70 para os anos 80 trouxe, entretanto, transformações expressivas nos diferentes campos da pesquisa histórica, revalorizando a análise qualitativa, resgatando a importância das experiências individuais, promovendo um renascimento do estudo político e dando um impulso a história cultural. (AMADO e FERREIRA, 2006, p. 22).

Mediante as informações acima podemos concluir que novos olhares emergiram, na contramão da produção local do IHGAC, a história passa a expressar-se nesse período através de novas abordagens, objetos e problemas, tornando visíveis as massas populares e suas contribuições para a história, seguindo a tendência proposta pelo novo campo. Ou seja, a história proposta pela geração Annales<sup>2</sup> redesenhou a história política, trazendo à tona pessoas, homens, mulheres, jovens ou crianças. Os sujeitos construtores da história são, enfim, todos que deixaram sua marca visível ou invisível no tempo em que viveu. Com a renovação da história foram deixados de lado os fatos efêmeros e superficiais, incapazes de fazer perceber os movimentos profundos da sociedade.

Essa renovação da História foi estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas. Segundo Sousa (2011, p. 46) “Entrevistas, depoimentos, histórias de vida passam a fazer parte do interesse de antropólogos, sociólogos e historiadores”. A partir de então os historiadores passaram a se interessar por temáticas relativas a política sob a perspectiva do entendimento do poder ou das relações de poder aí

---

<sup>2</sup>Movimento ocorrido na França, frequentemente conhecido por “Escola dos Annales”. Criado no início do século XX por um grupo de historiadores entre eles Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, etc. O movimento criticava a forma de produzir a história, a qual se preocupava com os grandes eventos.

constituídas, incorporando a nova metodologia uma reflexão sobre os mecanismos culturais do poder. Para alguns historiadores, formas de viver e culturas eram mais permanentes que acontecimentos particulares. Para eles todos os aspectos sociais estavam sujeitos a transformações e mudanças, não só o político.

Houve uma mudança de concepção, os sujeitos não são mais alguns homens e sim todos: homens e mulheres, ricos e pobres. A história não é feita apenas por atores individuais, mas por movimentos sociais, pela classe trabalhadora, por homens e mulheres. A Nova História (cultural e do poder político) preocupa-se também com os acontecimentos do cotidiano das pessoas.

Borges também exalta o alargamento do campo da história ao citar que: “A noção do político se amplia e passa a incluir o comportamento dos cidadãos diante da política, a evolução de suas atitudes ao tomarem posição, deliberada e conscientemente, para intervir nas áreas em que se decidem seus destinos” (BORGES, 1992, p. 16).

Assim, as novidades apresentadas pela Nova História fizeram com que a história passasse por revisões que deram vozes a “novas teorias e metodologias”, acrescentando as possibilidades de análises, com novas fontes, objetos e métodos, além de trazer à tona temáticas nunca imaginadas pelos historiadores.

Foi nesse contexto da Nova História que a fonte oral fez sua entrada definitiva no campo da História. Os primeiros estudiosos a lidar com e a partir dela, expressam que uma de suas capacidades da fonte oral é ter o “poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem as margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos” (THOMPSON, 2002, p. 16).

Sousa (2011) elenca que:

No Brasil, o trabalho sistemático a partir da perspectiva da história oral surge, pioneiramente, no Museu da Imagem e do Som – MISVSP; no Museu do Arquivo Histórico de Londrina-Paraná e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. (Sousa, 2011, p. 45).

Ela ainda salienta que uma nova história era desenhada no Brasil com o intuito de “dar voz e vez àqueles que não puderam, livremente, se expressar” (Sousa, 2011, p. 45).

Ainda nessa linha, Harres (2008, p. 99) pondera que, no Brasil, a história oral deu sua introdução na década de 70 a partir de algumas iniciativas pioneiras, porém “o campo de pesquisa percorreu um longo caminho, ganhando amplitude e reconhecimento a partir da década de 1990”, após longo percurso de conquistas significativas, culminando com a organização da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em 1994, reunido

pesquisadores de diferentes áreas que recorrem ao uso dessa metodologia e buscam seu aperfeiçoamento.

Ao pensar em história oral, concomitantemente é relevante abordar o campo da memória, visto que ela se mostra como um instrumento adequado para o estudo das representações do passado. Nela estão presentes aspectos relevantes, que devem ser preservados e perpetuados para as próximas gerações por conter fragmentos importantes da história.

Huysen (2000) destaca que “a rememoração dá forma aos nossos elos com o passado, a vida atual só parece significativa se recorrermos à outra época. Como indivíduos e sociedade precisaram do passado para construir uma visão do futuro”.

Contudo, é de suma importância saber lidar com esta memória, tendo em vista que a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que pode sofrer alterações constantemente, e vários fatores podem interferir em seu curso no decorrer do tempo. Existem aspectos que variam na memória do depoente, esses podem nos passar mensagens seletivas, distorcidas ou equivocadas acerca de determinado assunto, assim devemos sempre levar em conta os sentimentos do depoente. É válido ponderar que a memória é cheia de subjetividade, entretanto essa subjetividade pode ser entendida como parte da entrevista. Também devemos levar em conta que a memória do narrador é ativada através do diálogo, logo o entrevistado pode recordar de fatos dos quais nem lembrava. Como diz Bosi em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, “lembrança puxa lembrança” (BOSI, 1994, p. 39).

Quando trabalhamos com memórias distantes temporalmente, muitas vezes os que vivenciaram aquele momento não existem mais, restam apenas as lembranças delas. Ser historiador é acompanhar a continuidade dessa memória no presente e no futuro, mesmo sabendo que há uma escolha pessoal do depoente do que vai ser lembrado e esquecido. Os acontecimentos são muitos, nunca é possível contar tudo, mas redimir o passado e salvá-lo do esquecimento é importante para as futuras gerações, além de que é indiscutível que esse conhecimento enriquece o presente com fragmentos de um tempo que já não volta mais.

José Cícero Silva traz a importância disso ao relatar em sua entrevista que:

*“eu prezo muito pela a história [...] o registro histórico fundamental [...]” (é preciso) “verificar aquilo que não foi escrito [...] antes que morra, a gente se detém no que somente tiver escrito, e o que não foi escrito? (Isso ocorre) Por vários motivos, por medo, por incapacidade de quem escreveu, por falta de compreensão, de bom senso, de ética com o fenômeno histórico mesmo em si. Então muita coisa esta se perdendo justamente porque nunca foi escrito por vários motivos e que a história academicista relegou como não importante. Então fazer isso agora é fundamental antes que se perca.”*

Trazendo a escrita de Nora sobre a questão da memória e sua importância para o contexto da pesquisa, é interessante pensar que,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993 p. 9).

Ainda dentro desse contexto de considerações sobre a memória e o seu uso pelos historiadores, podemos salientar que a metodologia da História Oral não é uma representação exata do que existiu, mas nos permite compreender como o passado chega até o presente. Sousa (2011, p. 46) nos faz compreender que os procedimentos metodológicos da História Oral guiam o historiador para uma aproximação do seu objeto de estudo com mais possibilidade de desvendar o campo das práticas culturais.

Entendemos que essa metodologia se mostra como um instrumento relevante para se conhecer histórias de vida e coletar fatos importantes que não foram agraciados nas fontes documentais oficiais, mas estarão sempre passíveis a análise crítica do historiador. As entrevistas de História Oral, como argumenta Alberti (2004, p. 27), “transmitem tradições culturais que vão surgindo à medida que o entrevistado delas se lembram: histórias, canções [...] informações transmitidas de geração em geração ou dentro de um mesmo grupo profissional, etc.”.

Dentro dessa concepção, trabalhar com história oral e memória “requer uma preparação criteriosa, que nos transforma em interlocutores e a altura de nossos entrevistados, capazes de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos” (ALBERTI, 2004, p.19).

Pensando sobre isso, Lopes e Galvão (2001, p. 95) também ressaltam que “O imprescindível é dar inteligibilidade ao material de que se dispõe, e uma das ferramentas mais importantes para que isso ocorra é o necessário estabelecimento de categorias”. Portanto cabe ao historiador colher, transcrever e saber analisar a fonte.

Em meio a essa discussão, o fato de dar voz aos esquecidos, como as mulheres, desde antiguidade excluídas do contexto social e tratadas como inferiores e indiferentes, torna-se evidente e necessário. É imprescindível ir além de apenas dar crédito as que tiveram seus nomes escritos em livros e artigos, mas sim buscar os fatos de muitas que continuam inexistentes na historiografia, mas vivas nas memórias coletivas.

Uma forma de tentar explicar essa inexistência se dá pela submissão feminina aos padrões existentes na sociedade, padrões já enraizados e muitas vezes esquecidos como existentes. Ações masculinas muitas vezes são justificadas pela existência de um “papel social”, fazendo o uso dos ideais de masculinidade que lhes são transmitidos e que não são questionados, apesar da anunciação de teóricos para uma melhor análise crítica sobre isto. Contudo, certos padrões ainda continuam tendo grande influência social, a exemplo dos campos apontados como de exclusividade masculina, levando algumas mulheres a aceitarem tal dominação, por terem tomado isso como uma atitude inquestionável e/ou por terem aprendido que esse é o papel da mulher, a submissão.

Para entendermos a existência desses padrões, que tinha o objetivo de servir de modelo, é necessário compreender a dinamicidade das relações de gênero e as diretrizes que envolvem o universo dos homens, os quais eram vistos como um ser forte e honrado, que tinha a responsabilidade de nortear a mulher frágil e delicada.

A imagem que até recentemente predominava na história da sociedade brasileira era da mulher como um ser frágil, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, guardiã das virtudes e responsável pela preservação da família, destino tido como natural da mulher. A elas eram atribuídas diversas qualificações, visões que trouxeram o silêncio e a invisibilidade das mesmas nas esferas públicas.

Vicente Landim de Macêdo ao ser perguntado sobre como o mesmo imaginava a vida das mulheres no início do século XX, relata que as mulheres “*viviam como donas de casa e cuidando dos filhos, cabendo aos maridos o sustento da casa ou melhor da família.*” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Uma história cristalizada, mas quebrada por homens e mulheres que buscaram e buscam a igualdade e inserção da mulher nas esferas do poder apesar dos entraves existentes.

É possível conhecer a trajetória de certas mulheres que estiveram envolvidas na luta política em momentos marcantes da nossa história graças à ação feminina na quebra de paradigmas impostos pela sociedade machista, que inferioriza e trancafia ao lar essas personagens, sendo importante frisar a coragem que as mulheres revelaram ao ultrapassar os limites fincados socialmente impossibilitando sua atuação nos campos apontados como masculinos (SOIHET, 1989). Além disso, podemos perceber que:

[...] É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda a atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano. (GASPARI, 2003, p. 42).

Tradicionalmente, a História esqueceu-se das mulheres, homens contam apenas suas versões. Contudo, a Nova História eclodiu a História de Gênero, permitindo assim que a história das mulheres viesse à tona. Logo, dizer que há uma ausência da mulher na história é um mito. Sabemos que muitas mulheres deram sua contribuição para a história, apesar de ficarem no anonimato. Cabe agora fazer uma leitura sobre o que era ser mulher nos anos vinte em Aurora, marcada pelo coronelismo e patriarcalismo e registrar a voz dessas que habitualmente não fazem parte da história oficial.

Nesse sentido Matos (2002, p.238) aborda que “O olhar sobre o feminino frutificou no contexto da quebra de paradigmas que possibilitou a descoberta de “novos sujeitos sociais” e favoreceu a inclusão das mulheres nas pesquisas”.

Assim sendo, há uma incessante busca feminina em estabelecer-se nos diversos segmentos públicos e paralelamente há uma tentativa dos historiadores em romper com a historiografia tradicional que desenha a mulher como dominada, frágil, submissa dentro dos padrões limitantes das leis patriarcais. Almeja-se, portanto, reescrever a História das Mulheres através do próprio olhar feminino, mostrando sua atuação, seu poder (PERROT, 1988, p. 178).

É pensando nesse campo de abordagens possíveis para os estudos que repõem as mulheres como protagonistas na e da história que buscamos pesquisar e escrever sobre Marica Macêdo, a qual muito se ouvia e se ouve falar na cidade de Aurora - Ceará e nos seus arredores como sendo uma mulher com fama de valente e guerreira, constantemente associada à política por familiares.

Na academia surgiu o interesse pela temática da mulher e poder pelo fato de muito se ouvir falar na valentia e garra atribuída a Marica Macêdo e a algumas mulheres da família Macêdo, por serem herdeiras da mesma. Uma mulher que, segundo o “boca a boca”, se apropriou de qualidades usualmente atribuídas aos homens, tais como coragem, sangue frio, audácia, etc.

Nascida no interior do Ceará no final do século XIX, tudo indica que não se impôs aos padrões impostos pela sociedade da época. Isso passou a despertar curiosidades e inquietações. Dessa maneira, procurar saber quem foi essa mulher e como no início do século XX conseguiu romper paradigmas dentro dos padrões limitados das leis patriarcais e se tornar liderança na cidade de Aurora - Ceará é de fato imprescindível.

Imaginar a mulher Marica Macêdo inserida nesse contexto, assim como no campo político do poder do coronelismo, um ambiente “tipicamente masculino”, onde segundo a teoria patriarcal, os papéis femininos e masculinos eram bem definidos, é um pouco difícil,

mas Marica Macêdo, de acordo com Macêdo (1998), conseguiu se sobressair como verdadeira “Coronela” desde o primeiro momento, apesar de não assumir cargo político. José Cícero menciona em sua entrevista que:

*É inexplicável como que numa época tão difícil como aquela, em que a mulher era colocada no segundo plano, a mulher naquela época era cuidar da família e da cozinha como se diz, e Marica ascendeu a um ponto de pontuar entre os coronéis da época, ou seja, quando cada cidade tinha seu homem forte, aqui na Aurora quem conseguiu essa preponderância foi Marica Macêdo [...], então primeiro é algo que eu digo que é de DNA mesmo, porque ter a coragem de fazer esse enfrentamento não é fácil, principalmente naquela época, e ela conseguiu ser uma líder política ao ponto de comandar o poder político, colocar aqui no poder quem ela queria [...] ser consultora, ou seja, no mandato do filho dela, por exemplo, ela conseguiu fazer com que Aurora fosse dividida, uma coisa muito inteligente, a gestão de Aurora naquela época foi dividida em duas partes, ou seja o filho comandava o que acontecia para cá e ela para o Tipi e há quem diga que deu certo [...] e tudo que se fazia pediam-se a ela ideias, orientação, ela era muito perspicaz nesse aspecto, além da sua valentia, contada aí em prosa e verso, ela tinha um certa força sobre os homens da época, os homens do poder e também tinha ideias, por que a gente imagina que uma pessoa que tenha essa coragem seja, se impôs através da força, mas não é não, a inteligência, a perspicácia, a forma de visualizar as coisas, de ver as coisas mais na frente, foi naturalmente uma mulher além do seu tempo em uma série de fatores, eu acho que a principal ou as principais foram a coragem e a inteligência para fazer esse enfrentamento. (José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Para elucidar essa questão, Guedes (2012) expõe que:

O poder não deve ser analisado apenas em termos de dominação, mas também de trocas, reciprocidades, pautadas geralmente na crença partilhada na autoridade. Isso significa que o poder depende de uma legitimidade mínima que permite o funcionamento de arranjos sociais no campo político. (Guedes, 2012, p.26).

É seguindo essa compreensão de José Cícero e de Guedes (2012) que podemos perceber que poder não se dá apenas pela violência, pela força. O paradigma aplicado ao poder na atualidade vai além do autoritarismo, do poder emanado do estado. A ideia de poder extrapola a velha tradição de só conseguir algo pela violência física. É possível, e necessário, diferenciar outros tipos de exercício do poder. Ele constitui-se também em ideias, crenças, valores e atitudes. O poder é algo que se exerce numa rede de relações pessoais, não é só uma relação de mando e obediência, existem outras ações que legitimam o poder como carisma, valores, ideias, etc. Em todas as relações sociais é possível identificar o exercício de poder.

Pretendemos dessa maneira mostrar a personagem Marica Macêdo, de 1908 a 1924, que inserida na sociedade de Aurora - Ceará chamava a atenção do seu meio, criando ali empatia para os que conviviam com ela, dentre outros elementos que caracterizam a construção de poder. É notório perceber que ela não se construiu só com a força, mas também usou outros mecanismos para legitimar o seu poder.

Assim, colocada a questão do nosso interesse pela pesquisa sobre Marica Macêdo e sua história e memória como tema, pontuamos que nesse capítulo nossa intenção foi apresentar a metodologia e os mecanismos utilizados para analisar nosso objeto de estudo, Marica Macêdo, uma mulher da sociedade aurorense<sup>3</sup>, que no início do século XX, 1908-1924, ganhou notoriedade no município de Aurora – Ceará após um episódio marcado por sangue. O presente trabalho tem por objetivo contribuir para as discussões no campo da História Política e Social, interface com a História de Gênero. Como percurso metodológico recorreremos aos procedimentos da história oral, um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades de “ouvir contar” hoje.

Nesse sentido, os entrevistados, homens da família Macêdo e da sociedade aurorense, foram a peça chave para dar consistência a pesquisa. Percorremos os vestígios encontrados na memória desses cidadãos, que não conviveram com a pessoa de Marica Macêdo em seu tempo, mas que convivem com a sua história e suas memórias em diversos momentos, a exemplo dos escritos sobre ela publicados.

Outra observação a se fazer sobre a compreensão do documento, ele não existe antes da curiosidade ou questionamento do historiador, que na falta dele, pode fabricar seu próprio documento. Nessa linha de pensamento, lembramos os ensinamentos de Lucien Febvre (2003, p. 107), um dos principais representantes do movimento dos Annales, em sua obra *Combates pela História*, em que aponta outras possibilidades de investigar a história por meios de outras fontes históricas. Segundo ele, cabe ao historiador utilizar sua engenhosidade “para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais”.

Objetivamos assim analisar nessa pesquisa, sobretudo na perspectiva oral no contraste com a historiografia local, a inserção de Marica Macêdo no contexto do campo político e social, haja vista que é a partir desse ponto que se há formação de um conhecimento mais amplo do assunto.

Abordaremos no capítulo seguinte o mundo em que Marica Macêdo estava inserida nos anos de 1908 a 1924, na cidade de Aurora, uma cidade no sul do Ceará. A análise buscatomar conhecimento e problematizar as tramas em que ela estava envolvida e por quais razões.

---

<sup>3</sup> Relativo aos moradores da cidade de Aurora-ceará.



## **CAPÍTULO II**

### **MARICA MACÊDO: ENTRE O ECONÔMICO E O POLÍTICO NA CIDADE DE AURORA-CE NOS IDOS DE 1908 A 1924**

Neste capítulo propomos apresentar algumas notícias sobre a história de vida de Marica Macêdo, na cidade de Aurora - Ceará nos anos de 1908 a 1924. Nossa personagem estava inserida numa sociedade de tradição senhorial, machista, em um período marcado pelo fenômeno do coronelismo, prática política predominante no interior do nordeste, no período conhecido como República Velha. Esse período histórico foi marcado pela concentração do poder nas mãos de um chefe local que comandava uma intensa e complicada rede de troca de favores. Para entendermos melhor como essas práticas coronelísticas se perpetuaram no tempo e foram utilizadas pelas famílias para se apoderarem do poder, precisamos enveredar pela estrutura política do Brasil e do Nordeste daquela época. Nessa perspectiva o capítulo tem como intuito compreender os aspectos da realidade política brasileira no início no século XX com ênfase nos aspectos do contexto regional e principalmente na cidade de Aurora-CE.

#### **2.1 CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO E NORDESTINO DE FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX**

Ao final do século XIX, a estrutura política do Império no Brasil acabou não resistindo ao fim da escravidão. Grandes proprietários de terras, insatisfeitos com a perda de mão-de-obra escrava, se uniram aos grupos de oposição de liberais que insurgiam em vários pontos do país. Segundo Emilia Viotti da Costa (1997, p.393), apesar de ser considerada pelos adeptos da Monarquia como um equívoco e “fruto da indisciplina das classes armadas que contavam com o apoio de alguns fazendeiros descontentes com a manumissão dos escravos”, a República de modelo federalista foi proclamada em 1889.

Em 1899, a possibilidade de sobrevivência do regime era muito incerta, tendo em vista que não havia um projeto para o Brasil, tudo era feito no improvisado. O fato é narrado no trecho do livro Cartas do Brasil, do viajante francês Max Leclerc (1942 p. 17), que percorria o Brasil por ocasião da Proclamação da República, “A revolução está terminada e ninguém parece discuti-la, mas aconteceu que os que fizeram a revolução não tinham de modo algum a intenção de fazê-la e há atualmente na América um presidente da República à força.”.

Os envolvidos na revolução não tinham a intenção de derrubar o monarca do poder e instalar uma ditadura no Brasil, havia apenas a insatisfação da classe militar com o imperador que havia perdido o controle da situação e o descontentamento dos fazendeiros em virtude da abolição dos escravos.

Diante da República, amparada pelo forte apoio conservador, novas condições para a população brasileira foram instaladas, contudo o Brasil continuou a ser um país primordialmente agrário, com o mandonismo, de origens que remontam ao período colonial, ganhando novas afeições. Nesse sentido a República não se constituiu como autêntico sistema federativo centralizado, mas assentado numa hierarquia entre estados e oligarquias.

Essa relação entre os interesses das oligarquias e o poder central trouxe ao contexto brasileiro o coronelismo, que é nada mais que a evolução do mandonismo originado na colonização. O “fenômeno” do coronelismo marcou a nossa história com a implantação de um projeto político-econômico, onde o poder local se torna um elemento fundamental para a centralização e dominação política. O arranjo entre o Executivo federal e as oligarquias assegurava a estruturação da política dos governadores. O controle das nomeações para cargos públicos estava nas mãos dos coronéis e se dava através da troca de favores e votos. Essa estrutura contribuiu para cristalização de muitos mitos no nordeste.

A partir desse momento as regras do jogo mudam: crescem as influências locais, surge e figura do coronel, a luta eleitoral passa a ser “de casa em casa” e, por fim, ganha peso na conquista do voto o “cabo eleitoral”. Os coronéis proprietários de terra passam a ser os principais cabos eleitorais. Ao contrário dos presidentes de províncias, os proprietários de terras não são ativos só nos períodos eleitorais, fazem política em todos os momentos (BARREIRA, p. 38, 1999).

Baseado nesse contexto, a formação social brasileira se constituiu sobre essa elite econômica e política, representada pelos grandes proprietários de terras, os coronéis, dominando a política e a economia dos estados, principalmente no interior do Brasil, controlando todos os meios necessários para se manter no poder.

No Nordeste, a família colonial desenvolveu-se especificamente sobre a grande propriedade dos coronéis, que se transformaram em chefes políticos locais, passando a controlar os processos eleitorais e a nomeação de cargos públicos, como também era o chefe condutor que organizava os grupos humanos. Alves (2009, p. 5) pondera que a família patriarcal, era a espinha dorsal da sociedade e desempenhava os papéis de procriação, dominavam as finanças, os meios de produção e o poder político, também eram detentores das funções sociais, como proteção e justiça. As pessoas só tinham valor e prestígio social enquanto pertencentes a um desses grupos familiares. O sistema de parentesco, de concepções

mútuas, comandadas pelas grandes famílias patriarcais era a forma como as pessoas se reconheciam no mundo.

Nesse contexto, Alves (2009, p. 4) elenca que “família passou a ser sinônimo de organização familiar latifundiária, o que provocou a instalação dessa sociedade do tipo paternalista em que as relações de caráter pessoal assumiram vital importância”.

Nesse ambiente foi gestado o poderio patriarcal, que se explica pela própria estrutura colonial. Como o governo não conseguia se fazer representar em toda colônia, o proprietário de terras, no caso o coronel, se fortaleceu e tomou as rédeas do poder local. Os coronéis eram os grandes detentores desse domínio político, e com seu poder controlava a vida de todos os habitantes dos municípios.

As pessoas que dependiam dos coronéis e viviam sob seu domínio, recebiam pouco ou quase nada para sobreviver, apenas migalhas que os mantinham vivos nos limites aceitáveis para a elite. Obedeciam às ordens dos coronéis para elegerem sempre aqueles políticos escolhidos pelo patrão, no chamado voto de cabresto. Na realidade a população não se interessava pela política e deixava-se levar por quem quer que seja. Naturalmente a população, falo em especial no interior do nordeste, não estava preocupada com a representatividade política, uma população na maioria pobre, que não sabia ler nem escrever, estava apenas procurando meios para subsistir, sobreviver. Restava-lhes apenas a “submissão” aos senhores da terra como os responsáveis pelas garantias mínimas de sobrevivência e estadia em suas propriedades. Era pois um cenário de domínio de homens, os senhores donos das terras que faziam prevalecer seus valores e seus costumes.

No tópico a seguir propomos apresentar aspectos da formação política, social e econômica de Aurora-Ce, cidade onde Marica Macêdo teve uma história de presença marcante.

## **2.2 FORMAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA DA CIDADE DE AURORA-CEARÁ NO SÉCULO XIX E XX**

Aurora é uma cidade do interior do Ceará localizada na região sul do estado, microrregião do Cariri, a uma distância de 470 km da capital Fortaleza.

De acordo com Tavares (1993, p.68-69), desde seu surgimento como vila até a emancipação política, Aurora era “uma das vilas mais florescentes do Ceará”. Com base no supracitado podemos notar que a cidade era esplendorosa e tinha um progresso relevante no final do século XIX.

As terras antes habitadas por índios começaram a ser constituídas por núcleos parentais ainda no século XVIII, quando os índios cariris, nativos da região, começaram a perder seu espaço para a criação de gado e plantação de algodão.

Como na maioria dos municípios do interior do nordeste, o trabalho de colonização do território foi dirigido para as atividades agropastoris, tais como criação de gado e agricultura de subsistência, primeiras atividades dos colonizadores em terras aurorense. Posteriormente, o município se encaixou além dos limites dos engenhos de cana de açúcar e agricultura de subsistência, com a economia girando em torno da produção de algodão e fumo.

Não se tem notícias que alguma propriedade tenha sido doada diretamente aos colonizadores, todas as terras constitutivas dos sítios e fazendas do município de Aurora foram compradas. Segundo Amarílio Gonçalves em seu livro “Aurora: História e Folclore” (1993, p.26-29), os sesmeiros que requereram terras na margem do rio Salgado em Aurora ainda no século XVIII, alegando nos requerimentos que necessitavam das terras para criar gados e cavalos, não apareceram ou fixaram moradia na região, provavelmente retalharam e venderam os lotes das sesmarias.

Em Aurora, o rio que leva o nome de Salgado e corta a cidade, exerceu grande influência para o povoamento. Era uma região rica em terras férteis, coberta pela mata virgem, para onde correram colonos atraídos pelas condições favoráveis à expansão agrícola e pecuária. Outro fator que contribuiu para o povoamento da cidade foi sua localização geográfica. Aquelas terras margeadas pelo rio Salgado serviam de caminho que ligava o Icó, cidade do centro sul do Ceará, ao Crato, cidade do sul do Ceará, territórios economicamente importantes para o Estado. O povoamento serviaderota como também proporcionava acolhimento para tropeiros, vaqueiros e viajantes que se locomoviam pela região sul do Ceará. Esses fatores citados, fez daquela localidade espaço propício para a formação de aglomerados urbanos.

Contudo, essa formação política do município passou por altos e baixos. A pequena povoação com cerca de 8.500 habitantes, foi elevada a categoria de vila com o nome de Venda, pela lei provincial nº 2047 de 10 de novembro de 1883, porém em 1885, pela lei nº 2111, perdeu novamente o status, passando a ser distrito de Lavras da Mangabeira - Ceará, reconquistando novamente a denominação de vila em 1889 pela lei nº 2141 recebendo o título de município de Aurora.

No livro, *Aurora: história e folclore*, Tavares (1993, p.12) elenca que o primeiro nome da vila “Venda” se deu pelo fato de existir uma taberna de comidas e bebidas, ponto estratégico na passagem de pessoas condutoras de gado e de mercadorias, visto que o

transporte era lento e necessitava de paradas. A taberna foi também “ponto de diversão bastante conhecido na redondeza” (Tavares, 1993, p.16), cuja proprietária era uma mulher a qual muitos acreditam se chamar Aurora. Porém o nome dessa mulher, pelo que se percebe, não passa de uma lenda pelo fato de não ter sido encontrado nenhum registro da mesma na região.

Entretanto, quanto ao nome da cidade, há uma divergência. Serra Azul (1955, p. 22-23), em seu livro *Impressões de Viagens a Lavras e Aurora*, relata que o nome da cidade foi inspiração de Benedito José dos Santos, um negro vindo da região de Aracati, que firmou estadia na região e que com ajuda construiu a capela de São Benedito. Segundo o autor, quando Benedito esteve no Rio de Janeiro para pedir contribuição para a capela, a princesa Izabel, ao fazer a doação do sino solicitado pelo mesmo ao Imperador, deu a sugestão da cidade se chamar Aurora. Ele ainda afirma que “o nome dado a dita mulher, dona da venda, de quem ninguém sabe o nome”, a qual alguns atribuem o nome da cidade, “foi uma invenção minha quando compus o soneto “Aurora”.

Segundo Tavares (1993, p.12) a povoação que deu origem a cidade teve sua origem na fazenda Logradouro, pertencente ao Padre Antônio Leite de Oliveira, que diante da sua morte ficou de herança para os sobrinhos. Na citada fazenda, Francisco Xavier, herdeiro indireto<sup>4</sup>, mandou construir a pedido de sua mulher, herdeira direta, uma capela dedicada ao Senhor Menino Deus. Há diferentes versões quanto a primeiro oratório construído no local, se teria sido esse dedicado ao Senhor Menino Deus ou a capela dedicada a São Benedito, construída onde hoje é o bairro da Aurora-Velha. Na opinião de alguns historiadores, como Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, como cita Tavares (1993, p.13), há evidências que a capela de São Benedito foi construída em meados do século XIX, no Brasil Império, pelo negro Benedito José dos Santos e com ajuda de populares. O mesmo ainda teria ido ao Rio de Janeiro pedir ajuda ao Imperador Pedro II para conclusão da capela, como citado anteriormente.

Esses fatores, capelas e o estabelecimento comercial, itens essenciais para crescimento do povoamento, contribuíram para o núcleo urbano em formação. A cidade possuía grande potencial para o desenvolvimento econômico e social. Em entrevista concedida no dia 10/10/2019, José Alves de Souza, conhecido por populares como Zuca, 86 anos de idade, corrobora com essa afirmação:

---

<sup>4</sup> Herdeiro indireto porque Francisco Xavier era casado com Maria dos Santos Cardoso (após casamento Maria Xavier de Sousa), herdeira direta por ser sobrinha do padre Antonio Leite de Oliveira.

*[...]Aurora era para ter mais desenvolvimento, penso eu. O município que chegou a alcançar o segundo lugar no estado na produção de algodão e cana não era para viver hoje na dependência, Aurora era para ter mais estrutura[...] (José Alves de Souza, metalúrgico aposentado, 86 anos).*

Contudo nas primeiras décadas do século XX, a população viveu dias conturbados com catastróficos acontecimentos, como episódio do “Fogo do Taveira” em 1908, momento trágico que trazem informações diretas sobre a história de Marica Macêdo, nosso objeto de estudo, como também para a cidade de Aurora, que naquele tempo vivia em pleno desenvolvimento. Esse episódio, do qual falaremos mais adiante, seria o gatilho para dias depois, ainda em 1908, a cidade ser invadida e saqueada por coronéis e bandidos a mando de poderosos coronéis do cariri, proporcionando atraso ao município.

Sobre essa questão, Macêdo (1990) relata que “Os coronéis do sul do Ceará, que afugentavam o progresso das suas comunas, na maioria, eram iletrados, agressivos, arrogantes, [...] numa sempre crescente ânsia de poder [...] e que eram homens do “só eu e mais ninguém” (MACÊDO, 1990, p.38).

Essa ganância pelo poder, associado ao pensamento egocêntrico dos “representantes” da época, junto aos eventos que culminaram com conflitos armados na cidade, deixaram o desenvolvimento da região em segundo plano. Conflitos estes provocados por disputas familiares por interesses particulares e políticos.

Entretanto era legítimo ou normal que as famílias articulassem as vinganças e que as diferenças pessoais fossem resolvidas através das emboscadas, das invasões. Essa era a fonte da lei e da ordem nos grotões do interior do Nordeste, não sendo considerado como algo estranho e ilegítimo aos olhos do Estado, que, ao invés de reprovar essa atitude, estimulava e legitimava tal forma de poder. Os “mandachuvras” agiam como donos das cidades, lutavam por seus interesses e geravam terror e medo nos habitantes da região e seus inimigos. Aragão (1913, p.103) escreve: “[...] a justiça neste tempo era nula, reinando unicamente o bacamarte, com que eram decididas todas as questões, fosse qual fosse sua natureza”.

O governo federal, naquela época da República Velha, não conseguia chegar a todos os recantos do Brasil, assim, as cidades realmente tinham um sistema social e político entregue à parentela familiar dominante, com o presidente do estado do lado de quem tivesse mais força, mais gente e cangaceiros a sua disposição. “O prestígio do coronel dependia mais do número de bandidos de que podiam dispor, que de sua própria força moral ou mesmo eleitoral.” (PINHEIRO, 1940, p. 3).

Aqui ponderamos que, no contexto do coronelismo, aqueles que não possuísem laços de afinidades ou não fizessem pactos com o líder maior estariam sujeitos às práticas

desmoralizantes dos que estavam no poder. Tudo estava acima do interesse particular e que os abusos cometidos pelos grandes proprietários tinham um único objetivo, chegar ao poder.

Nesse sentido, Oliveira (1920, p. 22) argumenta que “No sertão não há lei, não há direito, não há justiça. E por isso, é como nos tempos primitivos, cada um se garante como pode”.

Assim a política era manejada de acordo com as circunstâncias e era posta a serviço da expropriação do espaço público pela ganância privada. Nessa perspectiva é notório compreender que as eleições constituíam discórdias violentas, porque era pela comprovação de possuir a maioria do eleitorado no município que o grupo político teria o prestígio diante do governo estadual.

No tópico seguinte, abordaremos a história de vida de Marica Macêdo, o eventado “Fogo Taveira”, e como Marica se desdobrou mediante as circunstâncias a ela impostas.

### 2.3 QUEBRANDO OS PADRÕES: DO CÍRCULO DOMÉSTICO AO PODER

**Figura 1: Maria da Soledade Landim – Marica Macêdo (Ano: Desconhecido)**



Fonte: Acervo de José Cícero da Silva

Iniciamos esse tópico com essa imagem de Marica Macêdo, pintada através da única foto que se tem dela, a foto de sua morte. A foto faz parte do acervo de José Cícero da Silva.

Percebemos que Marica possuía traços associados à figura do feminino da época, uma imagem de uma mulher serena. Mesmo que a foto não seja a comprovação do real, suas expressões retratam bem isso. Seu neto, Vicente Landim, em discurso proferido no dia 20 de setembro de 2013 no evento Cariri Cangaço que aconteceu em Aurora, e que se intitulou: “Marica Macêdo do Tipi: Sertaneja d’Aurora, matriarca do Cariri”, apontou os traços físicos de Marica Macêdo de acordo com o que ouviu dos seus pais e tios: “Ela era morena, cabelos longos, rosto comprido e fino, boa estatura”.

Maria da Soledade Landim, mais conhecida como Marica Macêdo, nasceu no sítio Gameleira no município de Missão Velha, estado do Ceará, provavelmente no ano de 1865.

Com o intuito de estabelecer-se em uma região mais propícia as atividades agropecuárias, mudou-se para Aurora, município do sul do Ceará, ainda no final do século XIX com seu primeiro marido José Antônio de Macêdo (Cazuzinha), ao qual contraiu núpcias provavelmente entre 1883 e 1885 (MACÊDO, 1998, p. 8). Ao fazerem instalação no riacho do Tipi, distante 18 quilômetros da cidade, região pouco habitada, mas de terras férteis, compraram uma propriedade, e trabalhando na agricultura e pecuária puderam criar e educar seus oito filhos<sup>5</sup> em melhores condições. Posteriormente a região daria origem ao sítio Tipi e ao sítio Sabonete.

Na propriedade mantinham professores alfabetizadores para proporcionar aos oito filhos os primeiros estudos, visto que moravam distante da cidade e o único meio de transporte da época era o cavalo.

A morte do marido, José Antônio de Macêdo (Cazuza do Tipi), em 8 de janeiro de 1906, levou Marica Macêdo a se tornar chefe da família e responsável pela manutenção de si e de seus filhos. Tornou-se conhecida pelos investimentos financeiros na economia local, mostrando-se uma boa administradora dos bens conquistados ao lado do cônjuge. Contudo, apesar de possuir qualidades para administrar a vida e as rédeas da família, não se conteve em ficar sozinha. Afirmava que toda mulher precisava de um marido, e como dito anteriormente no presente trabalho, o fato de estar inserida numa sociedade patriarcal pôde justificar tal pensamento. Em menos de um ano - 27 de novembro de 1906 - já estava casada com Antônio Abel, que também era viúvo, um homem passivo e que se conformava em ser apenas o segundo marido de Marica Macêdo, a qual ditava as ordens, corroborando com a descrição feita por Vicente Landim de Macêdo em seu livro “Marica Macêdo – A brava sertaneja de

---

<sup>5</sup> Raimundo Antônio de Macêdo (Mundoca Macêdo); Joana da Soledade de Macêdo (Joaninha); João Antônio de Macêdo; Antônio Landim de Macêdo; José Antônio de Macêdo (Cazuza); Silvino José de Macêdo; Felinto José de Macêdo; Augusto Landim de Macêdo.



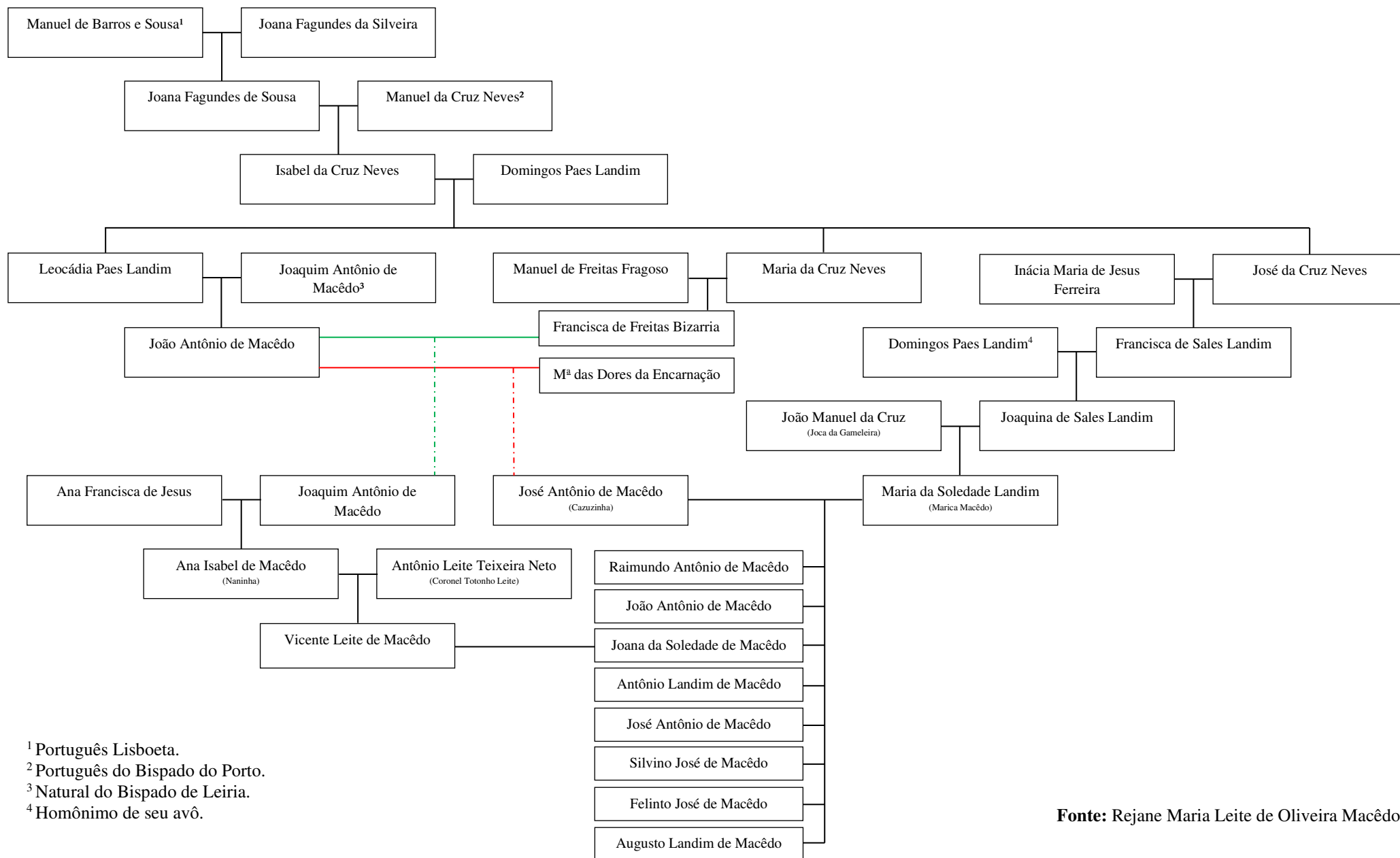
Aurora” (1998, p.7), um de seus netos, onde descreve sua avó como uma mulher cheia de vida, destemida e de personalidade forte.

Podemos perceber que Marica Macêdo era corajosa, determinada e respeitada pelos cidadãos, para os memorialistas, uma mulher a frente do seu tempo, já que pelo senso comum ou da natureza humana, a mulher era dada a obrigação de desempenhar as funções domésticas, criar filhos e educá-los. Foi nesse contexto que Marica Macêdo estava inserida e foi educada, espaço de submissão, porém ela soube com inteligência traçar o rumo de sua vida. O comportamento de Marica Macêdo perante a sociedade provavelmente era considerado por parte da população como alarmante, contrair novo casamento certamente foi uma solução certa para evitar a exposição à maledicência. Seu intuito, ao contrair novo casamento, era ter um marido para poder dar continuidade aos negócios e administrar os bens deixados pelo seu primeiro marido José Antônio de Macêdo, Cazuzinha do Tipi, sem comprometer sua honra.

Um fato da história de Aurora que se perpetuou na memória dos cidadãos aurorenses foi, como chamado popularmente, o “Fogo do Taveira”, conflito violento em que Marica Macêdo ao se envolver teve como consequência a morte do quinto filho, Cazuza Macêdo, de 14 anos.

Antes de adentrarmos a história, gostaríamos de apresentar uma figura (Figura 2) na qual consta as ramificações da família de Macêdo, para que possamos entender os entrelaços familiares envolvidos no evento.

**Figura 2:** Árvore Genealógica da Família Macêdo



Os acontecimentos que levaram Marica Macêdo a agir, segundo os relatos historiográficos e da oralidade, começaram quando o chefe político conhecido por Totonho Leite – Antônio Leite Teixeira Neto, sogro da única filha mulher de Marica Macêdo, Joaquina, decidiu depor do cargo o sobrinho Antônio Leite de Oliveira, Intendente Municipal da cidade de Aurora - Ceará, chamando a família Macêdo para tomarem parte na campanha de deposição. É sabido que Marica Macêdo, na época do ocorrido, atuava na política de Aurora indiretamente através dos filhos, parentes e aliados, não participando diretamente das reuniões.

A matriarca ordenou posteriormente que os filhos não comparecessem mais às reuniões, dadas as relações estreitas que o prefeito Antônio Leite de Oliveira tinha com seus parentes, assim como era grande amigo de José Antônio Macêdo, seu primeiro esposo. Contudo, havia também estreitos laços de parentesco e afinidade entre Totonho Leite e Marica Macêdo, visto que a esposa de Totonho Leite era sobrinha de José Antônio de Macêdo, primeiro marido de Marica, e a filha deste casal, Joaquina, casada com Vicente Leite de Macêdo, filho Totonho Leite. Marica não aceitou o fato do Coronel Totonho Leite tirasse Antônio Leite de Oliveira do poder, já que o mesmo estava administrando muito bem o município. Os filhos recuaram a pedido da mãe, causando um esvaziamento geral no processo, em virtude da campanha se apoiar na força e coragem da família Macêdo. Agindo assim, Marica Macêdo com seus correligionários compraram briga e tornaram-se inimigos do coronel Totonho Leite.

Mesmo sem o apoio de Marica Macêdo e dos filhos, o coronel Totonho Leite conseguiu destituir o sobrinho do cargo e tomou posse em 1907, nomeado pelo Presidente do Estado Nogueira Acioli.

Vicente Landim de Macêdo em sua fala no evento do Cariri Cangaço em Aurora diz que a atitude de Marica ao não dar apoio ao coronel se deu por achar tal ato ilegítimo e ainda, “avisou ao Coronel Totonho que se ele destituísse Antônio Leite, ela o destituiria.” (Discurso proferido por Vicente Landim de Macêdo no Cariri Cangaço 2013 em Aurora, tendo como tema: Marica Macêdo do Tipi: sertaneja d’Aurora, matriarca do Cariri).

Mesmo alcançando seu objetivo, Totonho não se contentou, e por achar uma afronta a atitude de Marica para com ele, decidiu vingar-se da família Macêdo e dos que deram apoio a ela, ameaçando invadir sua propriedade e de parentes no Tipi, demonstrando seu lado machista ao considerar-se insultado ao ser desafiado por uma mulher (MACÊDO, 1998, p.23-24).

O filho de Totonho, Vicente Leite de Macêdo, casado com Joanhinha, filha de Marica, temendo o que poderia vir a acontecer, avisou sua sogra sobre os planos de seu pai. Não duvidando sobre a veracidade do relatado, decidiu ir em busca de ajuda de parentes e coronéis residentes do Brejão, no Cariri (MACÊDO, 1998, p.24).

Durante o trajeto, ao alojarem-se a noite para descanso na casa do Capitão José dos Santos no sítio Taveira<sup>6</sup>, também marcados como inimigos e alvos da vingança do Coronel Totonho, foram atacados pelas forças policiais comandadas pelo Intendente. Durante o conflito, o quinto filho, José Antônio de Macêdo, o qual possuía o mesmo nome do pai, foi baleado e morto (MACÊDO, 1998, p.26-27).

Assim sua fama de líder política correu a região do Ceará, fazendo com que a mesma se perpetuasse no imaginário popular como um “coronel de saia”, expressão típica das heranças patriarcais da sociedade brasileira. Apesar dos protagonistas da política e da economia serem geralmente os homens, Maricadeixou uma herança imaterial valiosa para a família Macêdo, ganhando respeito do povo e dos coronéis, sendo uma das poucas mulheres a ocupar um cargo de decisão.

Sua atuação social imersa em um ambiente de violência e estratégias políticas a fizeram despontar como a matriarca da família Macêdo, perpetuando seu nome no imaginário popular.

De acordo com o texto “Matriarcas do Ceará – D. Federalina de Lavras”, de Rachel de Queiroz e Heloisa Buarque de Hollanda (1990, p. 9), Marica Macêdo “fez do Tipi, distrito do município de Aurora- Ceará, um famoso coito de cangaceiros, esconderijo perfeito para o espaço ocioso entre uma pilhagem e outra”. Seu neto Vicente Landim de Macêdo em entrevista a minha pessoa no dia 10/06/2019 fala de uma das passagens do famoso cangaceiro Lampião e seu bando pelas terras de Marica Macêdo, dando veracidade nos escritos de Raquel de Queiroz.

*Certa vez Lampião disse que ia lá no Tipi, vó Marica soube, mandou um recado para ele dizendo o seguinte, todo mundo fica admirado dessa coragem dela, “Lampião se vier ao Tipi, pode vir, mas não mexa com minha gente, se mexer você será recebido a bala”, ele mandou dizer: “ não dona Marica, eu vou aí querer*

---

<sup>6</sup> Um dos Sítios integrantes da área do Coxá. Na época era pertencente ao município de Aurora-Ce. Hoje faz parte do território de Milagres-Ce. No início do século XX, padre Cícero Romão Batista adquiriu as terras da área conhecida por Coxá, famosa por ser abundante em minérios de cobre. Quis logo demarcar as terras junto com Dr. Floro Bartolomeu, seu médico e orientador político, para que fossem exploradas por uma companhia Francesa. Contudo, alguns proprietários se opuseram a demarcação, alegando que parte dos terras onde se encontrava a mina lhes pertenciam.

*tomar café com a senhora. Realmente ele veio, ela recebeu, tomou café e foi embora, não mexeu com ninguém. (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).*

Provavelmente Marica Macêdo tinha seus interesses e intenções frente ao contexto do qual se encontrava na época. Talvez não houvesse intenção em tornar-se uma “revolucionária” na cidade de Aurora, mas possivelmente por ter assumido as funções ditas masculinas depois que seu primeiro marido faleceu, e tendo um contexto do qual estava inserida, talvez Marica buscasse um lugar na cidade, o seu lugar de mulher que não aceitava aquele sistema patriarcal.

Para entendermos como Marica Macêdo se sobressaiu mediante ao meio a qual estava inserida, é necessário entender como se deu a construção familiar no Brasil naquela época associada ao desenvolvimento da grande propriedade.

Pela tradição o homem era o detentor do poder por ter pulso forte. A mulher era atribuído o papel essencial na preparação do indivíduo para a inserção na vida social.

Para alguns teóricos essa família patriarcal teria construído a nação brasileira. Gilberto Freire como representante clássico desses estudos, afirma que a família foi, desde o Período Colonial, a principal instituição produtora formadora de uma aristocracia rural dominante que “reuniu, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas” (FREIRE, 2004, p. 85).

Mesmo com a chegada da Corte Portuguesa no Brasil, as práticas e os rumos da política no nordeste perduraram por longo tempo. A manutenção da família patriarcal, principalmente no nordeste, se fazia necessário, visto que não tinha como o governo federal manter a ordem em todos os recantos da província, cabendo aos proprietários de terras, exercer o poder local, prática que causou enormes dificuldades no Brasil. “O poderio patriarcal foi gestado na ausência de um Estado forte e seu declínio se deu quando o estado assumiu seus papéis” (TERUYA, 2008, p. 4).

No Nordeste essa estrutura de poder e de sociedade na Primeira República estava baseado no latifúndio e no poder local dos coronéis. A manutenção da família patriarcal causou enormes desigualdades sociais e atrasos, já que a construção dos recantos aonde a ordem do governo federal não chegava se dava por meio de interesses e intenções.

O coronelismo foi então a forma de poder econômico, social e político encarnado pelo proprietário rural. Este controlava não só os meios de produção, mas a política, principalmente na zona rural das cidades do interior. Uma complexa rede de relações que se estendia desde o coronel até o Governo Federal.

Marica Macêdo entrou nesse contexto após a morte do seu marido – José Antônio Macêdo (Cazuzinha do Tipi), saindo do anonimato e passando a ser figura emblemática na história do município de Aurora depois de ser perseguida pelo Intendente Municipal, Coronel Totonho Leite, após negar-lhe apoio, no episódio conhecido como “Fogo do Taveira”.

Macêdo (1998, p. 27-28) cita as considerações de Joarivar Macêdo sobre o poderio dessa mulher que, cessada a “Questão de 8” estava munida de apoio de coronéis da região do cariri cearense, saindo investida de poder e enroupada das características do coronelismo, exercendo profunda influência na política da cidade, mesmo não ocupando cargos de chefia. Segundo a literatura local sua palavra era lei.

Quando ouvimos falar em poder, somos remetidos automaticamente ao poder do Estado, levando-nos a crer que somente ele pode exercê-lo. Contudo, uma rede de poderes está distribuída na sociedade, evidenciando que o Estado não é o único detentor do mesmo.

Para Foucault, o poder é tratado como um fenômeno, não um objeto isolado e independente, segundo ele o que existe são práticas ou relações de poder. Considera o poder como algo que é exercido em cadeia, lugar de múltiplos significados que vão da política a sedução. A interpretação de Foucault ao conceito de poder proporcionou uma nova compreensão sobre o assunto. Ele ressalta que: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (FOUCAULT, 1979, p. 10).

É importante destacar que o conceito de política e poder foram redefinidos com a Nova História Política, passando a ser visto e compreendido por outras vertentes, poder este dado a Marica Macêdo perante a sociedade a qual estava inserida, através das relações de poder que ela tecia a partir de um lugar que consideramos importante como aquele que deu base e suporte para a sua história de poder, ou seja, a sua família, ou a defesa dela como instituição legitimadora das relações sociais

Assim, nesse capítulo procuramos mostrar como se formou a sociedade brasileira chamando atenção para o papel da família como espinha dorsal da sociedade em tempos de poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora – Ceará, o que revela sem dúvida, a sua bravura como uma mulher que não se deixou dominar pelos desafios impostos pela sociedade dominante, e apesar de não ter exercido cargos políticos exerceu um grande poder, tão grande quanto o poder das imagens e memórias dispostas hoje sobre a mesma no imaginário social e coletivo dos moradores de Aurora-Ce, como pretendemos apresentar no capítulo seguinte.

### **CAPÍTULO III**

#### **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: AS MÚLTIPLAS FACES DE MARICA MACÊDO NA CIDADE DE AURORA – CEARÁ DE 1908 A 1924**

Nesse capítulo, a história de Marica Macêdo será abordada através das análises do que se tornou para o presente trabalho a documentação principal: as entrevistas orais. Os depoimentos são originados de cidadãos que dela se recordam através da memória, aliados ao discurso proferido pela pessoa do seu neto, Vicente Macêdo, no evento Cariri Cangaço realizado em 2013 em Aurora, tendo como tema: Marica Macêdo do Tipi: sertaneja d'Aurora, matriarca do Cariri. Será realizado um diálogo coma historiografia local no que se pauta o objeto de estudo, figura política na cidade de Aurora-Ceará nos anos de 1908 a 1924, recorte temporal em que ganhou notoriedade no município.

As falas e depoimentos possibilitaram entender Marica Macêdo através das histórias e memórias sobre a mesma, tornando-se para nós, como diz Delgado (2006, p. 46), “vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte a vida: a memória”.

#### **3.1 MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MARICA MACÊDO: LEMBRANÇAS DE “UMA MULHER FORTE E CORAJOSA”**

O trabalho com memória foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa, visto que ela possibilita o acesso um amplo campo de estudos, onde entrevistados partem do presente para rememorar o passado.

Sabemos que as tramas e aventuras vividas pelo homem no decorrer da história jamais poderão ser recuperadas na totalidade por quem quer que seja, e que apesar das críticas existentes pelo fato da memória ser propriedade humana e estar sujeita a esquecimentos, devemos fazer um esforço para que ela seja lembrada, fixada por meio da escrita e que permaneça viva, constituindo uma forma de legado para as gerações futuras. Como diz Bosi (1976, p. 16), “lembrar, portanto, não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Dessa forma, utilizando a história oral como fonte de investigação histórica, rememoramos o passado a fim de analisar o percurso desenvolvido por Marica e as relações que ele teceu no decorrer de sua vida.

O acesso a memória acerca de Marica Macêdo foi permitido através da memória de alguns cidadãos, que não conviveram com ela, mas que tiveram a história passada por pessoas que não deixaram sua história cair no esquecimento.

Verena Alberti (2005, p. 163) elenca que anteriormente “considerava-se que os relatos pessoais, as histórias de vida e as biografias, não contribuía para o conhecimento do passado, pois são subjetivas, muitas vezes distorcem os fatos e dificilmente seriam representativos de uma época ou de um grupo”, contudo as experiências de vida dessas pessoas foram imprescindíveis para concretização dessa pesquisa. Pessoas lúcidas e capazes de contribuir para a rememoração do passado de Marica Macêdo.

Trabalhar com a fonte oral é uma tarefa árdua, onde se faz necessário encarar críticas e desafios para que esses relatos se tornem fontes históricas e conhecimento científico. No presente estudo, que coloca as entrevistas no centro da pesquisa, alguns conhecedores da história local não se dispuseram a contribuir, por vezes silenciaram os fatos ou foram além, mas mesmo assim foi possível produzir conhecimento.

É importante salientar que a sabedoria, a experiência do passado e da vivência do mundo se tornavam fontes históricas, passadas oralmente de geração em geração. O narrador mostrava-se como portador de uma sabedoria especial, tornando a arte de contar histórias, uma prática muito importante para descobrirmos nossa origem, nosso passado.

As pessoas de mais idade cresceram ouvindo seus pais e avós contando histórias e com isso aprenderam a produzir conhecimento. Os conceitos elaborados por Walter Benjamin (1985, p. 200-201) em seu texto “O Narrador” nos mostra a importância da sabedoria e o motivo pelo qual esse conceito está desaparecendo, para ele “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria, o lado épico da verdade, está em extinção”.

Na sociedade contemporânea, percebe-se que o espaço da narrativa no meio familiar encontra-se cada vez mais reduzido, justificado pelo distanciamento entre as pessoas mediante a ascensão constante das novas mídias. Recebemos diariamente enxurradas de informações, contudo na maioria das vezes a notícia nos chega pronta, impedindo uma interpretação, o que nos priva da troca de experiências, da imaginação. Apesar disso, ainda de acordo com os conceitos de Benjamin (1985, p. 204), a narrativa ainda “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

Logo, manter acesa a chama das narrativas passadas por meio do presente trabalho acerca de Marica Macêdo permitirá que a história permaneça viva pelas linhas do tempo.

Como já apresentamos anteriormente, a época em que viveu Marica Macêdo foi marcada por intrigas e disputas acirradas. É possível observar nos relatos dos entrevistados



como essa história de violência é marcante e atesta que a “sociedade” estava acostumada a resolver os conflitos através da violência. Para eles, era um tempo em que tudo era resolvido “na bala”, onde a truculência circundava a sociedade de Aurora, o que perdurou até pouco tempo atrás, sendo a cidade conhecida como terra de pistoleiros e bandoleiros a mando dos coronéis

Segundo Vicente Landim em sua entrevista realizada em 10/06/2019, *“quem mandava em tudo era o bacamarte, eram os homens armados. Agora tem eleições, tem tudo, mas Aurora sempre teve essa de resolver tudo pelo bacamarte.”* (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

As revisões bibliográficas confirmam que os coronéis praticavam a justiça a seu modo. Amarílio Gonçalves Tavares em seu livro “Aurora, História e Folclore”, mostra que essa época “era o tempo do mandonismo, em que tais chefes procuravam resolver as questões de toda natureza através do poder das armas, para eles era esse o poder que realmente prevalecia” (TAVARES, 1993, p. 55).

As representações sociais em torno de Marica Macêdo começaram a sofrer transformações a partir de seu envolvimento no conflito armado denominado “Fogo do Taveira”, já abordado no capítulo II, entre, principalmente, as famílias Macêdo e Leite pela disputa do poder político local.

Segundo Vicente Landim de Macêdo (entrevista em 10/06/2019), o coronel Totonho Leite tinha a intenção de desmoralizar Marica por ter-lhe negado apoio político e por tê-lo afrontado, visto que ela havia *“[...] dito para ele que ia tirá-lo do poder. Ele sabia que vó Marica Macêdo estava se preparando para invadir Aurora e derrubá-lo do poder.”* (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos). Essa atitude de Marica Macêdo agravou o clima de rivalidade entre as parentelas<sup>7</sup>.

Ainda de acordo com Vicente em sua entrevista, a retaliação que seria promovida pelo Coronel Totonho Leite é reafirmada da seguinte maneira:

*Em consequência da divergência política entre a vó Marica e o Intendente (Prefeito) de Aurora, [...] em dezembro de 1908, o então Intendente de Aurora, Coronel Totonho Leite, decidiu solicitar ao Presidente do Estado (Governador) reforço policial, pois queria atacar vó Marica, o que realmente ocorreu no dia 17 de dezembro de 1908.* (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

---

<sup>7</sup> O sistema de parentelas nas cidades do interior tinha o intuito de defender os interesses de um grupo, a honra e o respeito do indivíduo era baseado nesse grupo. Eram compostas por afilhados, compadres, genros, primos, irmãos, escravos, capangas, etc.

Essa parte da entrevista nos remete ao que já foi abordado anteriormente, nos mostrando que o Presidente do Estado, Antonio Nogueira Acióli<sup>8</sup>, ficou ao lado de quem no momento em questão possuía mais prestígio, mais força, mais gente e cangaceiros a sua disposição.

Porém, dona Marica foi avisada pelo genro Vicente Leite de Macêdo, filho do Coronel Antonio Leite Teixeira (Coronel Totonho Leite) e casado com sua filha Joana da Soledade Landim, conhecida por Joanhina, com o intuito de que uma tragédia maior viesse a ocorrer, contudo coisas terríveis estariam por vir. Segundo Vicente Landim de Macêdo:

*Marica foi avisada pelo seu genro e filho do Intendente, Coronel Totonho, de que ela seria atacada naquele dia por 80 policiais. Então vó Marica, que contava com apenas 20 pessoas, entre homens de sua confiança e filhos, resolveu partir, imediatamente, para a Região do Cariri, a fim de solicitar a ajuda de seus parentes. (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).*

Percebe-se que tudo era válido e possível, e nem mesmo a relação familiar que o coronel Totonho Leite tinha com Marica Macêdo foi suficiente para evitar o conflito.

Esse fato da história local denominado “Fogo do Taveira” se perpetuou na memória dos aurorenses como sendo a “Questão de 08”, uma onda de violência que se arrastou para o conflito armado as famílias Leite e Macêdo em 1908, cujo intuito era a tomada do poder local. E, por ser lugar de embate, até hoje há divergência e convergência nas falas dos entrevistados quanto ao conflito armado denominado “Fogo do Taveira”. No discurso do senhor José Cícero fica evidente que se tratava de uma disputa de poder, para ele:

*O “Fogo do Taveira” aconteceu especialmente pelo o fato político, [...] então a partir daí houve várias ocorrências e uma das mais graves foi justamente o “Fogo do Taveira” que foi justamente também o ponto chave para ocorresse a invasão a Aurora em 1908, ou seja, o momento que ela criou essa confusão e praticamente tirou do poder o prefeito da época, o Totonho de Monte Alegre [...] (José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Ainda de acordo com o senhor José Cícero, o fato do “Fogo do Taveira” ter ocorrido simultaneamente com as demarcações que ocorreram no Sítio Coxá<sup>9</sup>, ainda há uma lacuna a ser preenchida e que precisa ser investigada para uma melhor elucidação dos fatos, visto que a delimitação das terras das minas do Coxá aconteceram no mesmo dia do “Fogo do Taveira”. Para ele não se trata de coincidência:

---

<sup>8</sup>Na Oligarquia aciólina, comandada por Antonio Nogueira Acióli, o coronelismo no sul do Ceará atingiu seu apogeu, praticamente não tinha oposição, os mesmos eram eleitos e reeleitos. Segundo Macêdo (1990, p. 44) ele era responsável pela expansão da bandidagem no Ceará.

<sup>9</sup>Sítio do município de Aurora. Terras que no passado pertenceram ao Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte e que foram motivos de célebres rixas de potentados.

*[...] eu acho que tem alguma coisa que não foi contada, alguma coisa que precisa ser averiguada ainda, porque eu, sinceramente, eu não acredito em coincidência, porque houve uma coincidência aí muito forte [...] o “Fogo do Taveira”, coincidiu praticamente com a demarcação de terras do Coxá, que é próxima, quase extremo alí [...] ocorreu quase simultâneo, houve uma coincidência aí, de modo que eu particularmente, isso aí é muito subjetivo, eu acho que como a demarcação foi feita pelo Floro Bartolomeu, que era homem forte do padre Cícero [...] ele veio e fez a demarcação por meio das balas mesmo, por meio da força, então demarcou com um grupo de jagunços, inclusive há quem diga que invadiu terras e foi muito simultâneo ao que ocorria com Marica alí [...] então alguma coisa tá mal contada nessa história, eu creio que no “Fogo do Taveira” e como também, subsequentemente, na invasão a Aurora teve alguma participação, alguma ajuda do Floro Bartolomeu, por que era muito difícil e curioso que Marica pudesse ter recebido ajuda de vários coronéis, até do coronel do Crato, Milagres, da região toda e o Floro que era um homem forte e um homem que tinha seus jagunços, como teve, participou do Taveira aí, ou seja, na demarcação da minas do Coxá, ele tivesse participado também de uma coisa que estava acontecendo naquele momento, então foram ocorrências muito importantes que aconteceram praticamente num momento muito próximo, questão de um dia, dois dias, ali naquela região de Taveira e Grossos que é hoje o Coxá. (José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Para Damião Leite, o fato aconteceu por mera coincidência. O alvo da emboscada eram os Paulinos, família inimiga do coronel Totonho Leite, fugitivos das autoridades aurorenses e correligionários de Marica Macêdo. Marica ia para o Cariri buscar ajuda, alojando-se na região do Sítio Taveira porque já era noite. Por capricho do destino, no meio do tiroteio seu filho foi morto.

*Meu avô era prefeito e mandou dar um fogo ali (no Taveira) e Marica ia com os filhos [...] no Cariri. [...] lá no Taveira mataram um filho dela, acertou uma bala, atirando no povo lá, aí ela disse que tinha sido meu avô que tinha matado, foi uma confusão danada [...] era para atirar nos Paulinos, perseguindo os Paulinos, aí eles iam passando e pegou uma bala, não tinha nada a ver, aí começou a questão dela com meu avô, não tinha inimizade, por que eram parentes ainda [...] (Damião Leite Macêdo, sindicalista aposentado, 80 anos).*

Corroborando com a fala de Damião Macêdo Leite, Tavares (1993, p. 64) relata que “A pretensão do “Cel” Totonho era capturar os homens que haviam espancado seu correligionário Gonçalves Pescoço, e que se achavam refugiados no Taveira, em casa do “cap” José Batista dos Santos.” Relata ainda que na situação não conseguiram prender os Paulinos.

Segundo José Alves de Souza, os Paulinos já haviam participado de várias situações que justificam a fama de família encrenqueira

*“Os Paulinos [...] deitava e rolava [...] João Paulino chegou em Aurora, tinha tomado umas cana por aí [...] tinha uma banca de carne de um açougueiro [...] e João Paulino jogou o cavalo por cima derrubou a banda do boi no chão, aí os camaradas gritaram, ‘eita João Paulino chegou com o cão nos couros’, só isso aí já intimidava, só em ser Paulino já intimidava. Tinha o destacamento, seis soldados [...], aí deram as informação de João Paulino. Ele não conhecia João Paulino, mas pela informação ele chegou até ele. Quando chegou no João Paulino ele foi logo dizendo: ‘Você que é o João Paulino?’ Aí João Paulino disse: ‘Sou inteirinho, sem*

*faltar um pedaço. Tem negócio?’ Então o delegado falou para João Paulino: ‘Então ande direito.’ Ele respondeu: ‘E eu estou andando torto?’ (risada) [...] João Paulino foi buscar o revólver, mas não atirava bem não, porque ele com tanta munição não acertou nenhum tiro no sargento, nem o sargento atirou nele. Pois bem, foram aos tabefes, foram aos tapas [...] derrubou o sargento no tabefe. Aí a turma chegou lá, separaram.”(José Alves de Souza, metalúrgico aposentado, 86 anos).*

Diante desse cenário, algumas incógnitas ou questões ficam sem resposta: Será que o coronel Totonho Leite estava perseguindo Marica Macêdo naquele momento do “Fogo do Taveira”? Será que o Coronel Totonho estava apenas perseguindo e com o intuito de prender os Paulinos ali alojados? Ou será que estava defendendo as terras de Aurora dos possíveis invasores ao Sítio Coxá? São perguntas que não podemos responder com base na literatura atual, apenas com suposições.

Em relação a última indagação, sabemos que essa demarcação não era nada amigável, visto que “*havia uma rixa dos proprietários das terras com o padre Cícero<sup>10</sup>*”, que não reconheciam o padre como dono. Isso fez com que “*doutor Floro<sup>11</sup> tomasse nas mãos essa rixa*”. (José Cícero, *Secretário de Cultura*, 52 anos).

Assim sobre essas contendas, o “Fogo do Taveira” e a demarcação das minas do Coxá, Macêdo (1976, p.725), diz que: “o sítio Taveira já estava ameaçado de cerco”. Pessoas daquela região invadiam frequentemente território de Aurora e apoderavam-se das terras. Naquele mesmo dia em que Marica buscava ajuda dos parentes e amigos na região do Cariri, também homens de confiança do Padre Cícero Romão Batista estavam na região para demarcação das terras do sítio Coxá, terras ricas em minério de ferro, pertencente ao padre.

José Cícero relata que após esse acontecimento “*aumentou ainda mais a briga política*”, onde Marica “*criou ainda mais raiva, vontade de perseguir e destituir seu inimigo político.*” (José Cícero, *Secretário de Cultura*, 52 anos).

Como diz Vicente Landim de Macêdo em seu livro “Marica Macêdo: a brava sertaneja de Aurora”: “Mal sabia minha vó quantos sofrimentos viria padecer por ter-se negado apoio ao coronel Totonho Leite (MACÊDO, 1998, p.22). Essa afronta a família Macêdo pela família Leite promoveu a rivalidade envolvendo várias famílias. Em razão desse acontecimento, passaram a existir rivalidades entre as famílias Leite e Gonçalves, partidárias do Coronel Totonho, e as dos Macêdos, Paulinos, Ribeiros Campos e Santos, correligionários de Marica e amigos do Coronel Domingos Leite Furtado, chefe político de Milagres, e do Major José Inácio, do Barro. (MACÊDO, CARIRI CANGAÇO, 2013).

<sup>10</sup> Padre Cícero Romão Batista, sacerdote de Juazeiro do Norte- Ceará, que obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa no Nordeste.

<sup>11</sup> Médico e orientador político do padre Cícero Romão Batista.

Segundo Joaryvar Macêdo, no livro “A estirpe de Santa Tereza”, foi nesse período Marica Macêdo se destacou enquanto política ao tecer alianças com vários coronéis da região, entre eles Antonio Joaquim de Santana, João Raimundo de Macêdo, (Joca do Brejão), Domingos Furtado e José Inácio do Barro. Eles exigiram que o presidente do estado do Ceará, Antonio Nogueira Acióli retirasse a força que permanecia em Aurora, a fim de devastar aquela vila como represália ao ataque feito (MACÊDO, 1976, p. 725-726).

Em parte da entrevista realizada com o Senhor José Cícero, podemos observar o supracitado:

*Os amigos dela, os parentes do Brejão, o coronel Domingos, que era de Milagres, e o major do Barro José Inácio [...] deram todo apoio[...] passaram um telegrama ao Presidente do Estado, o Acióli, dizendo que retirasse a força de Aurora, policiais que ele mandou, porque ‘ia’[sic] invadir Aurora, e se eles tivessem lá certamente iam morrer, porque ‘ia’[sic] com 700 homens. O presidente mandou os policiais ‘ir’ [sic] embora (José Cícero da Silva, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Assim com na passagem de Vicente Landim aponta que: “*terminado o tiroteio, os parentes e amigos de vó Marica, residentes no Brejão, Barbalha, Missão Velha, Milagres e Barro [...] telegrafaram ao Presidente do Estado, dizendo que retirasse a força policial de Aurora, pois iam invadir Aurora.*” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Conforme narrativas dos entrevistados especialmente a de Vicente Landim de Macêdo e de José Cícero da Silva, após a retirada da força policial que estava em Aurora, maiores atrocidades estavam por vir. Homens completamente rudes, sem qualquer instrução invadiram Aurora a fim de depor o coronel Antonio Leite Teixeira (Totonho Leite). Segundo Macêdo (1990, p.19) nesse período do fenômeno do coronelismo, houve vários casos de deposição de chefes políticos, por meio das “balas do tradicional bacamarte, força invencível que substituiu o processo eleitoral legítimo e eliminou os demais poderes, para que restasse apenas o poder dos velhos oligarcas”. Nessa linha percebemos que o governo estadual cearense reproduziu o padrão da política vigente nesse período apoiava os chefes municipais que tivesse mais pessoas a sua disposição, qualquer Intendente Municipal podia ser derrubado a qualquer momento, bastava que seu inimigo político tivesse homens armados a sua disposição. Os poderosos locais em âmbito estadual e municipal, aqui no caso a região do cariri cearense não estavam preocupados em trazer desenvolvimento para a população, usavam a máquina pública para atender seus interesses pessoais.

O senhor José Cícero em sua narrativa dos fatos elenca como ocorreu o caso de deposição do Intendente Municipal. Segundo ele, coisas absurdas ocorreram não só os envolvidos, mas também pessoas inocentes.

*[...] vários coronéis aqui da região mandaram jagunços a pedido de Marica para invadir Aurora e destituir o prefeito, Totonho de Monte Alegre. Então houve a invasão [...] muitas coisas absurdas não foram escritas, por motivos óbvios, para não atingirem famílias, mas foram barbaridades que ocorreram, as maiores que a gente possa imaginar ocorreu em Aurora, imagina uma cidade como essa invadida, que era uma cidade tão pequena, invadida por, segundo alguns historiadores, quase 600 jagunços [...] foi destituído o prefeito, a ordem social não teve mais validade, o comércio foi invadido, os grandes proprietários tiveram que ir embora, os inimigos dela foram perseguido, dono de engenho tiveram que ir embora, as fazendas foram queimadas, engenhos foram quebrados, a produção agrícola, como algodão, como rapadura foram saqueadas e queimadas também, então todos os possíveis inimigos políticos de Marica tiveram que sair de Aurora, tanto da sede, quanto da zona rural temendo represaria dos jagunços que não tinham ordem, pessoas sem a mínima, nem senso de ética que tomaram Aurora de assalto e fizeram barbaridades. (José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Diante desse cenário podemos perceber que a população ficava a mercê das decisões e intrigas políticas dos chefes locais. A pavorosa invasão atingiu não só as propriedades de Totonho Leite e de seus amigos, mas colocou em risco a vida de muitas pessoas da cidade. Ainda segundo José Cícero, os jagunços só saíram após a intervenção da igreja.

*E só saíram por conta, na época a igreja tinha um certo poder, uma certa consideração pelas pessoas, inclusive as lideranças, a igreja interviu, através de uma figura eclesial muito forte, que veio a Aurora inclusive, e viu que era coisa inaceitável e o obedeceram, mas passaram muitos dias aqui. (José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).*

Vicente Landim também mostra que a situação era crítica, sendo apaziguada somente pela intervenção do “bispo de Fortaleza que pediu ao seu auxiliar para vir a Aurora conversar com vó Marica para ver se abrandava um pouco a situação.” Após isso, “ela conversou com os correligionários e tiraram o pessoal de Aurora. Só assim Aurora passou a viver na calma.” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Vicente Landim relata também os momentos de barbárie que acometeram Aurora após a deposição e posterior invasão: “os abusos provocados pelos os homens comandados pelo Major José Inácio, por falta de conhecimentos policiais, excederam suas atribuições e cometeram muitos abusos, invadindo casas comerciais e outras propriedades urbanas e rurais”. (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Após a deposição de Totonho Leite, Marica tomada de poderio, “assumiu o comando político e administrativo de Aurora, indicando o novo Intendente Coronel Cândido Ribeiro Campos – Cândido do Pavão, e as outras pessoas para o ocuparem os vários cargos da

*administração de Aurora, sendo todos aceitos e nomeados pelo Presidente do Estado.” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).* Não podemos deixar de elencar que nesse período os cargos ocupados para juiz, delegado, policiais eram pessoas da própria sociedade local.

Nesse momento podemos observar que Marica Macêdo, anteriormente sem influência sobre o Presidente Estado do Ceará, passa a tomar as rédeas da situação, fato também abordado por Joaryvar Macêdo (1976, p. 726), quando o mesmo relata que “Cessada a questão, começa o poderio de D. Marica Macêdo que reveste todas as características do coronelismo. Passa a ser legítima mandona.”

Damião Leite em sua entrevista coloca Marica Macêdo como “*prefeita*” ao ser perguntado sobre a questão da mesma ter assumido cargo político, contudo Marica “*não assumiu nenhum cargo, mas [...] foi quem comandou os destinos político-administrativo de Aurora, pois todas as autoridades seguiam suas ordens.*” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Ainda de acordo com Vicente, antes do ocorrido em Aurora ela “*não participava das reuniões ocorridas entre os Coronéis da época, sempre falava com eles e enviava seus representantes às reuniões, dando suas sugestões e apoiando as decisões que achasse importante [...] agindo sempre em benefício da população.*” (Vicente Landim de Macêdo, procurador federal aposentado, 88 anos).

Posteriormente ao ocorrido, como já foi dito anteriormente por Vicente Landim, Aurora passou a viver na calma. Os processos sucessórios relativos a Intendência municipal foram mais brandos. José Cícero da Silva nos mostra isso ao comentar que

*subsequentemente as coisas aconteceram de forma mais harmônica, não houve mais essa disputa tão sangrenta, tão forte ao ponto de fazer com que Aurora ficasse conhecida na história do nordeste, como uma cidade violenta por essas e outras coisas danosa que a gente tem escrita na história caririense [...] Marica foi a peça chave para isso.*(José Cícero, Secretário de Cultura, 52 anos).

Assim, podemos observar através das falas de homens moradores de Aurora e parentes filhos de aurorenses moradores de outras localidades entrevistados para esse estudo, que a história acerca do ocorrido em Aurora-Ce envolvendo Marica Macêdo e outras importantes figuras da cidade, parece não ter sido algo associado a um único mero fator. Aparentemente uma associação de situações levou Marica a sua ascensão política, destituindo a quem ela considerava inimigo político e colocando ao poder aqueles a qual considerava o melhor para a população e sua família, assim como mostrando sua força frente aos poderosos e até mesmo a

igreja, a qual diante da situação buscara um entendimento para apaziguar os ânimos em torno do imbróglio que assolou a todos naquela época.

Dessa forma finalizamos a presente análise da trajetória de Marica Macêdo na história de Aurora-CE sob a perspectiva do que existe hoje na memória dos entrevistados: Vicente Landim de Macêdo, Damião Macêdo Leite, Cícero Saraiva Neto, José Cícero da Silva, Damião Macêdo Leite, José Alves de Souza.

Assim podemos observar que sobre a perspectiva da família, Marica Macêdo foi em busca de ajuda para defender a família, entretanto em relação a membros da família Leite, o Antônio Leite Teixeira, coronel Totonho, em momento algum teve a intenção de persegui-la. São lacunas que posteriormente poderão ser preenchidas com novas pesquisas.

Com esse estudo, a partir da perspectiva da História Política renovada, pensamos ter contribuído com mais um capítulo da historiografia social e local da cidade de Aurora, pensando a história e as memórias que envolvem Marica Macêdo como narrativas que nos falam de luta pelo poder.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver uma pesquisa dentro do meio acadêmico não é missão fácil, encontramos no percurso muitos obstáculos, dentre eles a rigidez por conta da técnica e procedimentos estabelecidos pela instituição, muitas vezes pensei em desistir por falta de fontes e de pessoas dispostas a darem sua contribuição para esse trabalho, porém hoje depois de muitas lutas e labutas posso dizer que valeu a pena, gostaria que algumas mulheres tivessem contribuído para ele, mas algumas poucas que conheciam a história da temática exposta, se opuseram a falar, reforçando assim uma continuidade dos lugares de subordinação das mulheres.

Na trajetória de feitura desse estudo através das leituras, das histórias, das entrevistas acerca de Marica Macêdo, muitas perguntas ficam sem uma resposta definitiva, muitas continuam e possivelmente continuarão indecifráveis ao longo do tempo e da história, perdidas no imaginário popular. Cabe a nós expormos os fatos da história de Marica Macêdo levando em consideração os dois lados da moeda que diz respeito as entrevistas trabalhadas a partir das falas e das narrativas de Vicente Landim de Macêdo, Damião Macêdo Leite, Cícero Saraiva Neto, José Cícero da Silva, José Alves de Souza, saber o motivos reais da conjuntura que levavam, principalmente a família Leite, Macêdo, Santos e Paulino, assim como a presença dos representantes de Padre Cícero no Sítio Taveira, nos levam a imaginar diversas hipóteses, hipóteses essas que podem ser relatadas de diversas maneiras por todos que estejam dispostos a se aventurar nas tramas políticas que acometeram Aurora nessa época. Muitos fatores aqui nessa história estão envolvidos, fatores políticos, econômicos, sociais e familiares.

Através da análise de tudo que privilegiamos como abordagem, constatamos que a figura de Marica Macêdo foi uma das mais marcantes dentro da história da cidade de Aurora, uma mulher corajosa e determinada que não deixou se impor pelas regras ditas pela sociedade, deixando sua marca registrada no imaginário popular até os dias atuais no imaginário coletivo da população.

Pudemos dizer que no que diz respeito ao episódio “Fogo do Taveira”, central na vida de Marica Macêdo, a multifatorialidade dos fatos colaboraram para que ele acontecesse. Elencar um único fator como sendo exclusivo seria, talvez, uma injustiça com a maioria daqueles que participaram dessa épica história do município de Aurora, e porque não, brasileira.

Esse trabalho coloca em evidência a cultura e os costumes da população do interior do Brasil no início do século XX, em especial da cidade de Aurora-Ceará, onde a promoção da

vingança em busca do poder era baseada na capacidade de mobilização familiar e tradição senhorial. Não tivemos a intenção de tomar partido, mas mostrar que todos acontecimentos estavam em volta de uma cultura local, cultura de ausência do estado onde os poderosos agiam e decidiam as coisas de acordo com a força e poder. Marica Macêdo conseguiu se sobressair por que tinha articulações familiares e alianças com grandes políticos da região do Cariri cearense.

Assim concluimos com esse trabalho monográfico, que há muito mais a se pesquisar sobre esse tema, há muitas histórias a se entender sobre Marica Macêdo e as tramas ocorridas em Aurora, muitas lacunas persistem e continuarão a persistir para as próximas gerações, pois a história nada mais é, do que a história da história, e é assim que o conhecimento histórico avança.

## **FONTES**

### **Entrevistas:**

Entrevista realizada com Vicente Landim de Macêdo, dia 10/06/2019 e 27/06/2019. Aurora-CE.

Entrevista realizada com Damião Leite Macêdo, dia 28/06/2019. Aurora- CE.

Entrevista realizada com Cícero Saraiva Neto, dia 02/09/2019. Aurora- CE.

Entrevista realizada com José Cícero da Silva, dia 30/10/2019. Aurora- CE.

Entrevista realizada com José Alves de Souza, dia 10/11/2019. Aurora- CE.

### **Figura 1:**

Arquivo pessoal de José Cícero da Silva (Aurora-Ceará).

### **Figura 2:**

Autoria própria.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. História dentro da História.** In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALVES, Roosenberg, Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. Seminário de Pesquisa da Pós-graduação em História UFG/UCG. Setembro, 2009.

Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09\\_RoosembergAlves.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf)

Acesso em: 02/11/2019.

ARAGÃO, Manoel Ximenes de. Memórias do professor Manoel Ximenes de Aragão: as fases de minha vida. In: *Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza*, t. XXVII; 47-157; 1913.

BARREIRA, César. Velhas e novas práticas do mandonismo local um diálogo com Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 30, n.1/2, 1999, p. 37-43.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Arquivo de si e do Ceará:** a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938), Fortaleza: 2014. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8992/1/2014\\_tese\\_pvpbatista.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8992/1/2014_tese_pvpbatista.pdf)

Acessado em 02/11/2019

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Vavy Pacheco. História e Política: laços permanentes. *Revista Brasileira de História*, v. 12, n. 23-24, p. 7-18, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Venda grande d'Aurora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

COSTA, EmiliaViotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.  
ESTATUTOS do Instituto do Ceará. *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo I, p. 9-11, 1887.

DE SOUSA FREIRE, Camila; DA SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro. O Instituto do Ceará e a intelectualidade cearense: Identidade regional, sociabilidade e escrita da história da abolição na província. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 10, n. 3, p. 440-463, 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral** – memória, tempo, identidades. Lucília de Almeida Neves Delgado. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FEBVRE, Lucien. **In: LE GOFF, Jacques. História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. Citação de Febvre no livro história e memória

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar história**. Belo horizonte. Editora Dimensão. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória:** Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz. A nova história do poder político e a cultura política. In: CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino; GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz; SANTOS NETO, Martinho Guedes (Orgs.). **Cultura e poder político:** historiografia, imaginário social e representação da política na Paraíba republicana. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012, p. 25-46.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004, p. 58.

HARRES, Marluza Marques. **História oral:** algumas questões básicas. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99- 112, dez. 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; QUEIROZ, Rachel de. **Matriarcas do Ceará:** Dona Federalina de Lavras. Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Papéis Avulsos, n. 24, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro, Aeroplano. UCAM/MAM-RJ, 2000.

LOPES, Eliane M. T. e GALVÃO, Ana M. de O. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LECLERC, Max. **Cartas do Brasil.** Brasileira, 1942.

MACÊDO, Joaryvar. **A estirpe de Santa Tereza.** Edição: Fac. Similar, Fortaleza-Ce, UFC, 1976.

MACÊDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte:** uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. Fortaleza. UFC, 1990.

MACÊDO, Vicente Landim de. **Marica Macêdo:** a brava sertaneja de Aurora. Brasília. Petry gráfica e Editora Ltda., 1998.

MACÊDO, Vicente Landim. **Cariri Cangaço**: “Marica Macêdo do Tipi: Sertaneja d’Aurora, matriarca do Cariri. Aurora-Ceará, 2013.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Da invisibilidade ao gênero**: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. Margem. São Paulo, n. 15, p. 237-252, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros**. Rio de Janeiro. Editora: Revista dos tribunais, 1920.

PERROT, Michele. As mulheres, o poder, a história. In: **Os excluídos da história**: mulheres, operários e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Padre Leopoldo Fernandes. **Homenagem à memória do coronel Basílio Gomes da Silva, o honrado chefe político de Brejo Santo**. Crato-Ceará, Tipografia Manhã, 1940.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, nº 14, São Paulo, 1997.

Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jan/jun, 2014, p. 124-144.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé**: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

TAVARES, Amarílio Gonçalves. **Aurora**: História e Folclore. Fortaleza-Ce: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE. 1993



TERUYA, Marisa Tayra. A Família na Historiografia Brasileira. Bases e Perspectivas Teóricas. In: **Anais do XII Encontro nacional de estudos populacionais**, CAXAMBU (MG), Belo Horizonte: ABEP, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, n. 5, p. 9-28, 2002.



## ANEXO I

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA	
<b>Título da Pesquisa:</b> TRAMAS POLÍTICAS DE UMA LÍDER: O PODER DE MARICA MACÊDO NA CIDADE DE AURORA-CEARÁ (1908-1924)	
<b>Pesquisador Responsável:</b> SILVANA VIEIRA DE SOUSA	
<b>Área Temática:</b>	
<b>Versão:</b> 2	
<b>CAAE:</b> 02347318.0.0000.5575	
<b>Submetido em:</b> 16/04/2019	
<b>Instituição Proponente:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE	
<b>Situação da Versão do Projeto:</b> Aprovado	
<b>Localização atual da Versão do Projeto:</b> Pesquisador Responsável	
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio	
Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1207402	

## APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: *Tramas Políticas de uma líder: O Poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora-Ceará (1908-1924)*, que tem como objetivo Analisar a trajetória de poder de Marica Macêdo, cidadã de Aurora-Ce no contexto social e político do início do século XX (1908-1924). Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Aurora, sua história local e de sua cultura.


As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar desta, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.


Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável, **Silvana Vieira de Sousa**, Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail: sv\_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000– Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/nº Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000– Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, VICENTE LANDEM DE MACÊDO, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 27 de JUNHO de 2019

  
Assinatura do (a) participante

  
Assinatura do (a) pesquisador (a)



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: *Tramas políticas de uma líder: O poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora-Ceará (1908-1924) que tem como objetivo analisar a trajetória de poder de Marica Macêdo, cidadã de Aurora-Ce, no contexto social e político no início do século XX (1908-1924)*. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos, mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Aurora-Ce, sua história local, cultura e tradição.

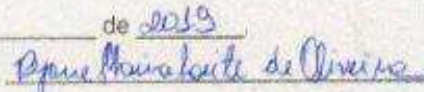
As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável, **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, residente a rua Irmã Fernanda, 91-bairro São José, Cajazeiras-Paraíba, Fone (83) 999177771. E-mail sv\_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000– Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, CampusCajazeiras, CEP: 58900-000– Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, DAMIÃO LEITE MACÊDO, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Aurora-Ce, 08 de JUNHO  
  
 Assinatura do (a) participante

de 2019  
  
 Assinatura do (a) pesquisador (a)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: *Tramas políticas de uma líder: O poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora-Ceará (1908-1924)* que tem como objetivo analisar a trajetória de poder de Marica Macêdo, cidadã de Aurora-Ce, no contexto social e político no início do século XX (1908-1924). Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Aurora-Ce, sua história local, cultura e tradição.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável, **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, residente a rua Irmã Fernanda, 91-bairro São José, Cajazeiras-Paraíba. Fone (83) 999177771. E-mail sv\_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000- Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, CampusCajazeiras.CEP: 58900-000- Cajazeiras - Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, CICERO SARAIWA NETO, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Aurora-Ce, 02 de setembro de 2019.

Cicero Saraiwa Neto  
Assinatura do (a) participante

Deque Manoel Leite de Oliveira  
Assinatura do (a) pesquisador (a)



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: *Tramas políticas de uma líder: O poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora-Ceará (1908-1924) que tem como objetivo analisar a trajetória de poder de Marica Macêdo, cidadã de Aurora-Ce, no contexto social e político no início do século XX (1908-1924)*. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

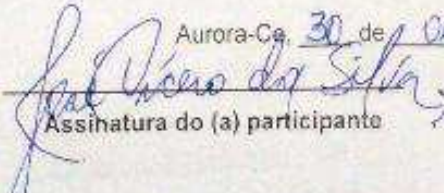
Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Aurora-Ce, sua história local, cultura e tradição.


As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável: **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, residente a rua Irmã Fernanda, 91-bairro São José, Cajazeiras-Paraíba. Fone (83) 999177771. E-mail sv\_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000- Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, CampusCajazeiras, CEP: 58900-000- Cajazeiras- Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, JOSE CICERO DA SILVA, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Aurora-Ce, 30 de Outubro de 2019  
  
 Assinatura do (a) participante

  
 Assinatura do (a) pesquisador (a)



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa de conclusão de curso intitulada: Tramas políticas de uma líder: O poder de Marica Macêdo na cidade de Aurora-Ceará (1908-1924) que tem como objetivo analisar a trajetória de poder de Marica Macêdo, cidadã de Aurora-Ce, no contexto social e político no início do século XX( 1908-1924). Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso aceite participar pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista conduzida por meio de um questionário com questões abertas que poderão ser gravadas se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema de suas experiências pessoais ou profissionais. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição a historiografia da cidade de Aurora-Ce, sua história local, cultura e tradição.

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, residente a rua Irmã Fernanda, 91-bairro São José, Cajazeiras-Paraíba. Fone (83) 999177771. E-mail svv\_sil@hotmail.com

Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000- Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, CampusCajazeiras, CEP: 58900-000- Cajazeiras - Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, JOSÉ ALVES SOUZA, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Aurora-Ce, 10 de NOVEMBRO de 2019.

José A. Souza

Assinatura do (a) participante

Réane Maria Leite de Oliveira

Assinatura do (a) pesquisador (a)

## APÊNDICE B - ENTREVISTAS

### Entrevista 01: Vicente Landim de Macêdo concedida em 10 de junho de 2019

Aurora-Ceará, 10 de junho de 2019, entrevista com Vicente Landim de Macêdo, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa.

Nome do entrevistado

Vicente Landim de Macêdo

Idade

88 anos

Profissão

Procurador Federal aposentado.

Como o senhor imagina a vida das mulheres na cidade de Aurora no início do século XX?

Imagino que as mulheres em Aurora, no início do Século XX, viviam como donas de casa e cuidando dos filhos, cabendo aos maridos o sustento da casa ou melhor da família.

Algum parentesco com Maria Macêdo?

Sou neto de Marica Macêdo, cujo nome correto é Maria da Soledade Landim, passando a ser conhecida por Marica Macêdo ou Marica do Tipi, face o seu marido que se chamava José Antônio de Macêdo, conhecido por Cazuza ou Cazuzinha do Tipi.

O que o senhor sabe sobre a vida de Marica Macêdo na cidade de Aurora nos anos 1908 à 1924?

Em consequência da divergência política entre a vó Marica e o Intendente (Prefeito) de Aurora, que assumiu em 1905, em dezembro de 1908, o então Intendente de Aurora, Coronel Totonio Leite, decidiu solicitar ao Presidente do Estado (Governador) reforço policial, pois queria atacar vó Marica, o que realmente ocorreu no dia 17 de dezembro de 1908. Mas vó Marica foi avisada pelo seu genro e filho do Intendente, Coronel Totonio, de que ela seria atacada naquele dia, por 80 policiais. Então vó Marica, que contava com apenas 20 pessoas,

entre homens de sua confiança e filhos, resolveu partir, imediatamente, para a Região do Cariri, a fim de solicitar a ajuda de seus parentes, mas como a distância era longa, teve que dormir no local, denominado Taveira, na casa de um amigo, quando às 03 horas da madrugada foi atacada pelos 90 policiais, enviados pelo Coronel Totonia, ocorreu reação dos homens de vó Marica e do seu hospedeiro, a batalha durou das 03 horas até as 08 horas, resultando no assassinato de seu filho José Antônio de Macêdo, de 13 anos de idade.

No dia 18 de dezembro de 1908, terminado o tiroteio, os parentes e amigos de vó Marica, residentes no Brejão, Barbalha, Missão Velha, Milagres e Barros, correram ao seu socorro, enterraram o jovem falecido e telegrafaram ao Presidente do Estado, dizendo que retirasse a força policial de Aurora, pois iam invadir Aurora. Assim, ocorreu e no dia 23 de dezembro, Aurora foi invadida por 700 homens, sob o comando do Major José Inácio, do Barro.

Vó Marica assumiu o comando político e administrativo de Aurora, indicando o novo Intendente Coronel Cândido Ribeiro Campos – Cândido do Pavão, e as outras pessoas para o ocuparem os vários cargos da administração de Aurora, sendo todos aceitos e nomeados pelo Presidente do Estado.

Vó Marica não assumiu nenhum cargo, mas de 23 de dezembro de 1908 a 06 de janeiro de 1924, data de seu falecimento foi quem comandou os destinos político administrativo de Aurora, pois todas as autoridades seguiam suas ordens.

Em sua opinião, quais as maiores dificuldades enfrentadas por Marica Macêdo?

As maiores dificuldades enfrentadas, nesse período, 1908 a 1924, foi que os homens comandados pelo Major José Inácio, por falta de conhecimentos policiais, excederam suas atribuições e cometeram muitos abusos, invadindo casas comerciais e outras propriedades urbanas e rurais.

Escuto as pessoas compararem algumas pessoas da família Macêdo a Marica. A que se deve essa comparação?

A verdade é que vó Marica foi uma mulher muito corajosa e destemida, não tendo medo de ninguém, ela mulher enfrentava qualquer outra mulher ou qualquer homem. Por tal razão é comum na família Macêdo, quando uma mulher é resolvida e corajosa, se diz que ela parece ou é uma nova Marica Macêdo.

Como se explica o fato de Marica Macêdo ter voz ativa mesmo tendo filhos adultos e marido?



Vó Marica ficou viúva muito cedo, em 1905, quando tinha 40 anos de idade, ficou viúva com oito filhos. Estava administrando muito bem os seus bens e educando satisfatoriamente seus filhos, mas resolveu contrair novo casamento, em 1906, com um viúvo que só sabia cuidar da casa, mesmo assim, seguindo as ordens da vó Marica, pois ela sempre dizia que marido com ela era para ser mandado, assim com os filhos. Vó Marica, desde jovem, sempre foi autoritária, eram 08 irmãos, mas sempre dava as ordens a todos, Assim foi que quando ela e o marido, Cazuzinha, foram residir no município de Aurora, foram com eles 04 irmãos de vó Marica, sendo que dois ficaram com eles em Aurora e os outros 02 foram residir no município de Lavras da Mangabeira, também no Ceará.

Quem era o marido de Marica Macêdo e Porque ele não tomou as rédeas dos negócios da família?

O primeiro marido de vó Marica foi José Antônio de Macêdo- Cazuzza ou Cazuzinha do Tipi, este administrava os negócios do casal, mas com seu falecimento e vó Marica casando a segunda vez com Antônio Abel, este não assumiu as rédeas dos negócios da família, vó Marica, era quem administrava tudo, ele nada fazia e nem mandava.

Será que havia algum tipo de julgamento ao fato dela fugir as regras impostas pela sociedade “patriarcal”?

Não, pois na época de vó Marica, duas ou três mulheres no sul do Estado do Ceará eram quem decidiam os assuntos tanto de casa, como na política.

Qual o envolvimento de Marica Macêdo na política e na sociedade local?

Vó Marica, no período compreendido entre 1908 e sua morte, em 1924, foi a chefe política de Aurora, indicando os Intendentes (Prefeitos) e demais autoridades do Município.

Por que ela é tida como “coronela”?

Na época de vó Marica todos os chefes políticos eram conhecidos como Coronéis, Majores, por tal razão, ela como chefe política era tratada como Coronela, como dona Fideralina, em Lavras da Mangabeira.

Como o senhor imagina Marica Macêdo inserida no contexto do coronelismo?

Ela soube se comportar muito bem, como a verdadeira Coronela, pois não participava das reuniões ocorridas entre os Coronéis da época, sempre falava com eles e enviava seus representantes às reuniões, dando suas sugestões e apoiando as decisões que achasse

importantes. Entendo que ela soube muito bem desempenhar as atribuições que lhes eram outorgadas pelo título que lhe era conferido. Digo Título porque ela jamais exerceu algum cargo público, apenas tinha o poderio.

Depois do episódio do “Fogo do Taveira” como ficou a política em Aurora?

Depois do Fogo do Taveira a política em Aurora passou a ser exercida pela vó Marica e seus correligionários, da melhor maneira possível, agindo sempre em benefício da população.

## **Entrevista 02 - Vicente Landim de Macêdo concedida em 27 de junho de 2019**

Aurora-Ceará, 27 de junho de 2019, entrevista com Vicente Landim de Macêdo, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa

A maior dor de uma mãe é perder um filho, a filha de vó Marica casada morava aqui pertinho, não tinha barragem, não tinha ponte, uma casa ali. Então essa filha estava muito doente e aí ela ficou, ahh não tenho coragem de ver minha filha doente. Minha mãe que era sobrinha dela, nora e sobrinha, dizia, tia Marica vá visitar sua filha. Ela dizia: Não tenho coragem, eu já perdi um filho, não quero ver outro morrer, mas mamãe insistiu e ela veio. Ela falou para mamãe, minha filha eu vou, mas eu vou pedindo a Deus que não me deixe ver minha filha morrer. Chegou a tarde a cavalo na casa, a noitinha falou para neta dela Soledade, a neta mais velha que tinha 17 anos, e para uma senhora que ficava com tia Joaquina: “Minha filha vão dormir que eu fico com sua mãe, hoje à noite eu tomo conta dela. Ela sentou numa cadeira de balanço fumando um cachimbo, balançando a cadeira de balanço, as duas saíram e foram para o outro quarto, não deu meia hora, as duas ouviram um barulho forte, uma pancada. Quando foram no quarto, vó Marica no chão, as duas pegaram, falaram, ela não falou nada. Então elas chamaram o padre Vicente, ele morava na rua do quadro e o médico que por acaso estava na cidade, os dois chegaram rápido. O médico examinou e constatou que ela estava morta, achava que ela teve um colapso cardíaco. No dia seguinte enterraram, isso foi no dia 06 de janeiro de 1924, enterraram vó Marica e tal, dois dias depois morreu tia Joaquina, então ela não viu tia Joaquina morrer, Deus realmente fez a vontade dela. Tem um negócio interessante é que depois os filhos foram construir a capela onde ela tava enterrada com o vô Cazuzinha, quando exumaram a vó Marica, viram que a dentadura dela estava na garganta, veio a dúvida: Ela morreu e com a morte a dentadura foi para a garganta? ou a dentadura foi para a garganta e ela morreu asfixiada? Jamais ninguém vai saber disso, essa foi a morte de vó Marica.

O senhor fala na outra entrevista que havia uma divergência política entre Marica Macêdo e o Intendente Municipal coronel Totonho Leite. O senhor pode falar se aprofundar um pouco mais nesse assunto? Qual o motivo da divergência?

Vó Marica e o coronel Totônio eram amigos, inclusive o coronel era sogro da filha dela, da tia Joaquina. Tava tudo bem entre eles, etc., mas era Intendente de Aurora o Antônio Leite, foi coletor e naquele momento era intendente. Naquela época os Intendentes (prefeitos) eram nomeados pelos governadores (Presidentes do Estado), porque não eleições, os chefes políticos indicavam ao Presidente do Estado um nome para ser Intendente, o coronel Totônio Leite falou com o tio Antônio Macêdo, “Antônio, fala com a sua mãe, dona Marica, que eu quero ser Intendente e gostaria de ter o apoio de vocês para eu poder pedir ao Presidente do Estado. Tio Antonio falou com vó Marica, ela disse a Tio Antônio: “Não meu filho, você diga para o coronel Totônio que eu não apoio a saída do intendente atual, o Antonio Leite, por que ele está fazendo uma boa administração, sendo direito, honesto, além disso, ele é nosso parente. Fale para o coronel Totonho que ele não tire o Antonio Leite, porque se ele tirar eu vou tirá-lo do poder”.

Então o coronel Totonho comunicou ao Presidente do Estado, disse que tinha ... os eleitores daquela época eram os homens de confiança de da um, então ele escreveu , telegrafou para o presidente do Estado dizendo que tinha tantos homens a disposição do presidente, qualquer coisa que houvesse, mas ele queria ser Intendente Municipal de Aurora. O Presidente do Estado era o Acióly, então ele nomeou o coronel Totonho com Intendente Municipal em 1905. Vó Marica ficou realmente vendo como ia tirar o coronel Totonho do poder, o coronel desconformado, começou briga no Pavão com os Cândidos Ribeiro, no Taveira com os Paulinos, esses correligionários de vó Marica.. O coronel Totonho começou realmente essa divergência entre os amigos de vó Marica. O tio Vicente, casado com a filha de vó Marica, soube que seu pai tinha pedido ao Presidente do Estado para mandar policiais para Aurora, na época Aurora só tinha seis policiais e ele queria invadir o Tipi onde vó Marica morava, antes que ela viesse contra ele para tirá-lo do poder, ele queria desmoralizá-la. O tio Vicente mandou avisá-la. O presidente do Estado determinou aos Intendentes do Cedro, Iguatu que mandassem policiais para Aurora, eles mandaram cerca de 80 policiais, quer dizer 70 policiais, um Intendente comandando os policiais, 6 policiais , o juiz de paz, o delegado daqui. Quando os policiais chegaram tio Vicente mandou tia Joaquina avisar a mãe dela que ela ia ser invadida no Tipi, vó Marica na hora que recebeu o recado do genro, filho do Intendente pensou, só tinha 20 homens com ela, 20 homens armados, mas eles não iriam dá conta de combater 80 homens. Aí ela disse: “Vou ao Cariri pedir ajuda aos meus parentes”, ela era de Missão Velha e vô Cazuzinha de Barbalha, Brejão de Barbalha, pegaram os cavalos e foram todos, ela com os filhos e um irmão dela que morava lá, o tio Amâncio, grande irmão e amigo. Foram para Missão Velha, mas não deu tempo chegar, já era noite, ficaram no

Taveira, na casa do José dos Santos que era amigo dela. Lá o José dos Santos também tinha homens armados e por acaso estava lá também os Paulinos, adversários do Coronel Totonho e amigo de vó Marica. Quando foi umas três horas da madrugada chegou o contingente de Aurora, policiais comandado pelo tenente, juiz de paz, delegado. Começou a briga, eles estavam dentro de casa, bala pra lá, bala pra cá. A briga foi de três horas da madrugada até oito horas. Nesse intero, o filho dela, o Zeca, lembrou que tinha deixado o cavalo amarrado lá fora, ficou com pena do cavalo, foi soltar. Na hora que ele saiu atiraram e ele morreu. Vó Marica a coragem dela era grande, mandou os homens o menino para dentro, ela perguntou: “tá vivo ou tá morto?” os homens disseram: “tá morto.” Então ela disse: “encosta na parede, bala na agulha, vamos defender os vivos”. Continuou até 8 horas, nessa hora o pessoal fugiu, vieram embora para Aurora. Os amigos dela, os parentes do Brejão e o coronel Domingos que era de Milagres e o major do Barro José Inácio foram lá onde ela estava, deram todo apoio, enterraram o filho dela na Iara e depois juntaram 700 homens e passaram um telegrama ao Presidente do Estado, o Acioly, dizendo que retirasse a força de Aurora, policiais que ele mandou, porque ia invadir Aurora e se eles tivessem lá certamente iam morrer, porque ia com 700 homens. O presidente mandou os policiais ir embora e os 700 homens comandados pelo major José Inácio do Barro, vieram para Aurora. Todos da administração fugiram, inclusive o coronel Totonho. Eles ficaram aqui em Aurora e vó Marica telegrafou para o presidente do Estado dando o nome do coronel Cândido Ribeiro Campos para Intendente Municipal, o pai de Chico Henrique aqui para delegado e assim nomeou todos os amigos dela para a administração, e assim ela comandou Aurora de 1908 até 1924 quando faleceu. Depois ainda continuou os Macêdos a administrar Aurora, antes desse episódio ele administrava através dos amigos.

O senhor falou na entrevista anterior que Totonho atacou Marica. Qual a intenção dele?

Desmoralizar vó Marica, ela tinha dito para ele que ia tirá-lo do poder, ele sabia que vó Marica Macêdo estava se preparando para invadir Aurora e derrubá-lo do poder. E antes que ela tomasse uma medida contra ele, ele resolveu invadir o Tipi. Vó Marica não podia reagir, podia até reagir, mas ia perder. O coronel Totonho ia ficar com a glória de ter destruído o poderio dela, porque ela estava agindo contra ele, então a única maneira dele vencer vó Marica era desmoralizando contra a sociedade. Essa era intenção dele, desmoralizá-la e continuar como intendente.

O senhor acha que se não fosse a morte do filho no “Fogo do Taveira”, ela teria voltado para Aurora?

Tinha voltado, pelo temperamento de vó Marica, ela jamais concordaria que o coronel Totonho ficasse até o final, os 4 anos, só tava com 2 anos que ele tinha assumido e até o 3º ano ela iria tomar qualquer providencia contra o coronel para tira-lo; comunicar ao Presidente do Estado, se valer dos amigos, como o coronel Totonho se valeu dos amigos, como os Gonçalves. Então ele se valeu do pessoal para ter apoio para poder ser intendente. Vó Marica estava fazendo a mesma coisa, inclusive os Paulinos, o coronel Totonho brigou com eles, porque sabia que eles estavam do lado de vó Marica. Estavam todos se preparando para quando vó Marica comunicasse ao presidente do estado que tinha tantos homens há mais que o coronel Totonho para dar apoio a ele (Presidente do Estado), caso precisasse. A intenção do coronel era essa, desmoralizar vó Marica, ela ficar sem força para reagir contra ele.

E quanto ao poder de dona Marica, de onde advinha?

Antes da questão do Taveira, vó Marica tinha poder político, o primeiro marido dela, o Cazuzinha, o Cazuzinha faleceu, quando ocorreu o problema do 08, ela já tinha até casado a segunda vez, vó Marica ficou viúva de um, já casou de novo. A mamãe falou para ela: “ tia Marica, a senhora vai casar de novo?” Que o marido dela, o Cazuzinha, José Antonio de Macêdo, ele faleceu cedo, 30 e poucos anos, isso foi em 1905 e vó Marica em 1906 contraiu novo casamento, e mamãe, “ tia Marica, como que a senhora vai casar de novo? A senhora ta cuidando tão bem dos filho. A resposta dela: “ Maroca, toda mulher tem que ter um homem em casa, mesmo que não mande. Foi o caso dela, casou com o segundo, Antonio Abel, ele não mandava em nada, ela mandava em tudo, ele era apenas o homem em casa, interessante o Antonio Abel era também de Missão Velha e ficou viúvo, e no dia do casamento, lá no Calabaço, em Lavras da Mangabeira, onde morava dois irmãos dela. No dia do casamento de vó Marica com o viúvo Antonio Abel, casou um filho de vó Marica, com o filha do Manelzinho que era irmão de vó Marica, tio Mundoca filho mais velho de vó Marica casou com a tia Glória que era prima legitima dele e o Raimundinho irmão de vó Marica que era viúvo também, casou com a filha de Antonio Abel. Então Antonio Abel casou com vó Marica, a filha dele casou com o irmão de vó Marica, e a filha de Manelzinho casou com a filho de vó Marica, foi um casamento lá no Calabaço, disse que foi uma grande festa, deve ter sido bonita. Vó Marica era política assim, mas apoiando os outros, ele nunca foi. Com o problema do 08, aí é que ela assumiu realmente a política de Aurora, indicava ao Presidente do Estado os Intendentes, foi o tio Antonio...

Mandava em tudo, ela nunca ocupou um cargo, porque ela não queria, ela apenas mandava, dava as ordens em tudo. Joaryvar Macêdo que escreveu vários livros, inclusive um sobre a família, joaryvar dizia que a palavra de vó Marica para os intendentes de Aurora, como o coronel Ribeiro Campos era uma ordem, realmente ela mandava e desmandava em Aurora. Inclusive o seguinte, os 700 homens que invadiram Aurora em 1908 sobre o comando do Major José Inácio do Barro, eles realmente abusaram demais, também eram homens que não tinham preparo nenhum, os capangas daquela época, eram homens comuns que eles armavam para se defender. Eles assaltaram pessoas, mercados, fazendas, foi uma verdadeira destruição. O major José Inácio não conseguiu dominar, mas o bispo de Fortaleza, só tinha bispo em Fortaleza, pediu ao seu auxiliar para vir a Aurora conversar com vó Marica para ver se abrandava um pouco a situação. O coronel Ribeiro Campos ele não teve força, nem interesse, ele queria era ver os adversários dele sofrerem. O bispo auxiliar veio, falou com vó Marica. Ela conversou com os chefes políticos da época dela, os correligionários e tiraram o pessoal de Aurora, só assim Aurora passou a viver na calma: Mas eles ultrapassaram e muito no que deveriam fazer, porque vó Marica queria apenas que derrubassem o Intendente, as autoridades, para as novas assumirem, mas eles fizeram muitas coisa, saquearam o comercio.

Até bem pouco tempo Aurora tinha fama de terra de pistoleiros, podemos dizer foi por conta desse episódio?

É realmente Aurora tinha os Paulinos que tinham fama de pistoleiros, tinha os Arruda, Isaias Arruda que era de Missão Velha morou em Aurora. Naquela época não era só em Aurora não, Lavras da Mangabeira teve dona Federalina, na época de vó Marica foram duas coronelas que eram consideradas, elas mandavam e desmandavam. Dona Federalina era dos Augusto. E depois tinha o Padre Cicero que até fez uma reunião dos coronéis da região toda, com os políticos que o pessoal chamavam de coronéis. Vó Marica mandou o Intendente Municipal que era o coronel Ribeiro Campos. Ela realmente dava as ordens para tudo, entendeu? E as duas foram consideradas coronelas. Tem um bisneto da minha cunhada que a mãe dele é até promotora, na escola perguntaram para ele que tem cinco anos: Vocês vão escrever o que vocês mais admiraram até hoje, ele escreveu: O que eu admiro mais até hoje foi a bisavó da minha mãe que era cangaceira em Aurora (risos). Quando ele falou para mim, eu diss: Não era cangaceira, era coronela, ela mandava e desmandava, tinha os homens de confiança dela, os cabras, quando precisava matava. Mas Aurora teve essa fase, como Lavras da Mangabeira, inclusive a primeira coronela do sul do estado do Ceará, foi a mãe de José de Alencar, a Bárbara de Alencar, ela também foi uma coronela, mandava e desmandava no Crato. Aurora

então continua com essa tradição e parte é verdade. Naquela época realmente como escreveu o Joaryvar no seu livro “Império de Bacamarte”, quem mandava em tudo era o bacamarte, eram os homens armadas, agora tem eleições, tem tudo, mas Aurora sempre teve essa de resolver tudo pelo bacamarte.

E sobre a ida de lampião ao Tipi?

Lampião era temido no Alagoas, estado que ele castigava mais Pernambuco, Rio Grande do Norte e no Ceará ele tinha cometido menos arbitrariedade porque era muito amigo do Padre Cicero, inclusive a patente dele de capitão foi Padre Cícero que deu. Presidente do Estado deu a patente a Lampião de capitão. Lampião andava muito no cariri, Missão Velha, Barbalha, no Brejão, ele chegava lá nos fazendeiros que eram amigos e os fazendeiros eram amigos porque tinha medo dele, ele andava com 30, 40 homens. Teve um caso que ele chegou no Brejão, o coronel era, falhou a memória, sei que tinha dois filhos, um desembargador e o outro Secretário de Segurança Pública, o Presidente do Estado interrogou: “ como é que você é Secretário de Segurança Pública, nós combatemos Lampião, a polícia nossa veio atrás dele, chamada volante, e você é o chefe da policia e você apóia Lampião? Que contradição é essa? Era o coronel Santana”. Ele disse: “ meu pai lá tem homens armados, mas poucos, Lampião chega com uns 40 homens armados, o que ele tem que fazer? Ou dá apoio a Lampião ou tem que brigar, e vai perder, 10, 20 homens contra 40. Ele disse: “É, realmente a situação é séria. Certa vez Lampião disse que ia lá no Tipi, vó Marica soube, mandou um recado para ele dizendo o seguinte, todo mundo fica admirado dessa coragem dela, “ Lampião se vier ao Tipi, pode vir, mas não mexa com minha gente, se mexer você será recebido a bala”, ele mandou dizer: “ não dona Marica, eu vou aí querer tomar café com a senhora. Realmente ele veio, ela recebeu, tomou café e foi embora, não mexeu com ninguém. Isso foi a primeira vez, quando na segunda vez, ele foi em 1922, em 1926, ele veio de novo, não mandou avisar a vó Marica, ela tinha morrido e ela não sabia. Então ele ficou lá perto no sitio onde vó Marica morava, na época quem morava era o tio João, ele ficou escondido lá no sitio Jerimum, tinha um riacho lá perto da casa do Luiz Tavares, da Fransquinha, entre a casa do Chico, ficou e perguntou quem tinha ficado no Tipi substituindo a vó Marica, disseram que era papai, mandou chamá-lo, papai foi com o homem de confiança dele, o Pedro Ribeiro. Quando chegou lá tinha um cabra dele, depois disseram que era Corisco, “quem é o senhor?” “Silvino Macêdo.” “Quem é esse que ta com o senhor?” “É o meu secretário.” “Então pode entrar”. Entraram, Lampião atendeu e disse: “ seu Silvino, nós viemos aqui porque nós queria visitar sua mãe, vim a primeira vez a quatro anos atrás, agora vim de novo, mas eu tava precisando de um trabalho do senhor”.



Papai disse: “ o que era?” “ Tô precisando passar uma semana , dez dias num local reservado porque nós temos que reformar nossas vestimentas e precisamos de um local bem reservado para que a policia não encontrasse a gente; E precisamos que o senhor mande dia sim, dia não a banda de um boi, um saco de arroz, um saco de feijão e rapadura”. Papai perguntou: “ Pera ai! Quem vai pagar tudo isso?” “ Vou pagar, pode mandar, que vou pagar.” “Então ta bom, o senhor vai parar, então vou mandar. Então o senhor aguarde que daqui a meia hora vou mandar um homem chamado João Inácio aqui, ele vai levar o senhor para outro lugar.” E dia sim, dia não, João Inácio levava a banda de um boi, o saco de feijão, o saco de arroz. Terminando os dez dias, ele mandou chamar papai para saber quanto foi. Papai disse: “ João Inácio é que sabe, pode acertar com ele.” Isso foi a segunda vez que ele foi lá, dizem que ele foi uma terceira vez, mas eu não encontrei documento datando sobre isso, mas as duas foi certo.

Seu Vicente eu agradeço pelas informações e pela atenção, qualquer coisa entro em contato com o senhor.

### **Entrevista 03: Damião Macêdo Leite concedida em 28 de junho de 2019**

Aurora-Ceará, 28 de junho de 2019, entrevista com Damião Macêdo Leite, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa.

Nome do entrevistado: Damião Macêdo Leite, 80 anos, funcionário aposentado do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aurora.

**Eu:** Bom dia, Seu Damião! Primeiramente eu gostaria de saber se o senhor me concede uma entrevista e se eu posso fazer uso dela na minha pesquisa?

Sim, o pouquinho que eu sei e ainda lembro, sabia de muita coisa, mas muito esqueci.

**Eu:** O que o senhor sabe dizer sobre a divergência política de Marica Macêdo e o coronel Totonho Leite?

Meu avô foi embora daqui passou dois anos, Totonho Leite era meu avô, pai da minha mãe, passou dois anos em Antenor Navarro, hoje são João do Rio do Peixe, por conta de uma questão aqui que mataram um filho dela. Deram um fogo ali no Taveira, se chamava dar um fogo, dar uns tiros, foi à polícia. Meu avô era prefeito e mandou dar um fogo ali (no Taveira) e Marica ia com os filhos e tinha família no Taveira e no Cariri. Ela ia para o Cariri e lá no Taveira mataram um filho dela, acertou uma bala, atirando no povo lá, aí ela disse que tinha sido meu avô que tinha matado, foi uma confusão danada, meu avô passou dois anos fora daqui, morando em São João do Rio do Peixe, depois voltou para cá e morreu aqui. Ele lá em São João era muito amigo do padre Sá. Um dia em Souza prenderam meu avô, mas um coronel mandou soltar na mesma hora, depois ele veio para Aurora. Foi preso em Lavras da Mangabeira por conta dessa morte do filho de Marica Macêdo, mas a velha Federalina, a mãe de Raimundo Augusto era muito amiga dele, assim que soube mandou soltar, passou muito tempo não.

**Eu:** O senhor sabe dizer se ela assumiu a política de Aurora?

Ela foi prefeita, acho que foi, eu não sei muito bem, ela era política.

**Eu:** Como ela era vista pela sociedade da época?

Ela era vista como galo cego, valente, era meia danada. Ela ficou viúva, era casada com o velho Cazuzinha Macêdo, pai de Antônio Macêdo, de Silvino, ficou viúva e casou com o velho aqui dos Abel, um velho besta que casou com ela. Ela quem mandava na vida dele. O Abel não servia de nada, era um coitado. Os filhos dela eram bons, só ela que caçou confusão com meu avô. Os filhos com essa confusão ficaram em cima do muro.

**Eu:** O Senhor tinha algum parentesco com ela?

Tinha. Porque ela não é Macêdo e minha vó era Macêdo, a mulher de Teotonho Leite, Ana Isabel era dos Macêdo, parente longe, mas era.

**Eu:** E sobre o conflito do Taveira

Era questão política, confusão política naquela época o pessoal resolvia era na bala, não era nada amigável, era logo na bala. Meu avô teve que fugir por causa dessa questão que mataram o filho dela e ela disse que tinha sido meu avô.

**Eu:** Ela estava saindo de Aurora por quê?

Ela não ia para o Taveira, ela ia para o Cariri, para a casada família dela, aí meu avô tinha mandado dar esse fogo lá no Taveira, nos Paulinos que moravam lá, aí pegou uma bala no filho dela e matou.

**Eu:** Então o alvo eram os Paulinos?

Era para atirar nos Paulinos, perseguindo os Paulinos, aí eles iam passando e pegou uma bala, não tinha nada a ver, aí começou a questão dela com meu avô, não tinha inimizade, por que eram parentes ainda, no caso ela era parente da minha avó, do meu avô não, meu avô era Leite Teixeira.

**Eu:** E o poder dela advinha de onde?

Ela tinha grande influência política, meu avô era prefeito e ela tomou o poder dele, porque meu avô foi prefeito aqui de 1906 a 1908, aí com a briga com ela, ele foi embora daqui, a velha era o cão por dentro do mato. Ela casou a segunda vez com uma pessoa dos Abel, um coitado, só para dizer que tinha um marido.

**Eu:** E que o pessoal falava sobre isso?

Falava nada, por que ela era valente.

**Eu:** Obrigada pelas informações e por colaborar com minha pesquisa.

Por nada.

#### **Entrevista 04: Cícero Saraiva Neto concedida em 02 de setembro de 2019**

Aurora-Ceará, 02 de setembro de 2019, entrevista com Cícero Saraiva Neto, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa.

Nome do entrevistado: Cícero Saraiva Neto, 64 anos, sou poeta e repentista na cidade de Aurora, eu nasci aqui.

**Eu:** Sei que o senhor não presenciou o “fogo do Taveira”, mas o que o senhor pode me falar sobre esse episódio?

Bom, o que eu sei sobre o Fogo do Taveira foi em 1908, quando demarcado o antigo Coxá do Padre Cícero Romão Batista, veio o doutor Floro Bartolomeu juntamente com sua equipe e o senhor doutor Conde Adolfo, ele vieram demarcar o Coxá e naquela época e naquela época havia rumores que havia minas de prata e era uma terra muito fértil, era uma terra muito almejada e os descendentes do antigo Coxá doaram toda essas terras para o Padre Cícero Romão Batista e o padre Cícero trouxe essa gente essa equipe para demarcara lá. Dado o desentendimento entre dona Marica Macêdo e de doutor Floro Bartolomeu isso foi resolvido na bala, houve um movimento muito estranho, isso foi de 6 horas da noite a 6 horas do outro dia, e até os antigos Saraiva do passado, como o Aurélio Saraiva, veio a mando do seu pai para ajudar a defender, para não ser o Coxá sabotado por cangaceiros.

**Eu:** Quem era Totonho Leite e porque ele era inimigo de Marica Macêdo?

Coronel Antonio Leite era um homem influente, grande figura humana, um homem de grande quilate, grande apreço. Naquela época ele era um grande correligionário e tinha grande aceitação no poder de Aurora, juntamente ao Nogueira Acioli, governador daquela época, ele tinha certa influência na cidade de Aurora.

**Eu:** Qual envolvimento de Marica Macêdo na política de Aurora?

Marica Macêdo era mulher de grande quilate, mulher de sim ou de não, conhecida como proprietária do Tipi, era dona do Tipi, ela tinha um comando de capataz e de homens a seu inteiro dispor para resolver os seus mandados, era uma mulher de grande influência, ela

também tinha um certo comando, almejava a política, o comando de Aurora, os anseios de Aurora. Ela tinha esse povo ao seu inteiro dispor para resolver suas causas.

**Eu:** Como o senhor imagina a vida das mulheres na cidade de Aurora e na região do Cariri no século XX, na época que aconteceu a invasão a Aurora?

Eu acredito piamente que as coisas eram muito difíceis, houve grandes mulheres ali na cidade de Aurora, como dona Coração, esposa de Zé dos Santos, dona Amélia Araripe, eram mulheres influentes, elas tinham na época o respeito por parte da sociedade, mas também haviam mulheres discriminadas, mulheres sofredoras, mulheres que viviam submissas aos seus maridos. E muitas vezes atravessando grandes secas, grande revanches naquela época passada. Eu acredito piamente que foi uma época de grande tristeza, por que naquele fogo que houve no Taveira, dona Marica Macêdo, mulher muito conhecida, ela perdeu um de seus filhos, mas na verdade tudo se consumou e voltou... é tomar seus destinos.

**Entrevista 05: José Cícero da Silva concedida em 30 de outubro de 2019**

Aurora-Ceará, 30 de outubro de 2019, entrevista com José Cícero da Silva, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa.

**Eu:** Gostaria de saber se o senhor me concede essa entrevista e se posso fazer uso dela na pesquisa?

Bom dia! Permite e é uma satisfação em poder contribuir para o que for possível por minha parte.

Nome do entrevistado: José Cícero da Silva, tenho 52 anos, vou completar 52, sou formado em Biologia, mas tenho uma longa militância na produção de matéria jornalística, enfim, faz minha parte também, meu hobby e estudar História do Cariri, de Aurora e toda história que trata do povo sertanejo me interessa.

**Eu:** O que o senhor pode falar sobre a divergência política que houve em Aurora no início do século XX?

As divergências políticas, essas querelas, como a gente chamava no passado sempre existiram, antes no alto grau, agora menor, mas foram coisas que fizeram parte do cotidiano sócio-político, sobretudo no nordeste, em Aurora não foi diferente, Marica Macêdo como é conhecida como a sertaneja que teve na história um papel de destaque, sobretudo por ter exercido um papel matriarcal muito forte, naquela época que os coronéis tomava conta da política e os acontecimentos no nordeste no sertão, ela se impôs a tudo isso, então ela foi uma líder política, e como líder política ela defendeu as suas ideias e seu matriarcado, então ela tomou partido, como era comum e a partir daí começou a ocorrer várias muitas intrigas e uma delas das grandes foi justamente por ela exercer esse papel, papel político, inclusive de fazer suas interferências no poder político, ou seja, na questão da ascensão social de prefeito, intendente, então quando colocou seus liderados para serem prefeito, por exemplo, ela criou muitos amigos, mas criou também muitos inimigos e aí culminou com a invasão de Aurora.

**Eu:** O conflito do “Fogo do Tavera” o que tem haver com essa invasão a Aurora?

“O Fogo do Tavera” ele aconteceu especialmente, pelo o fato político, quando a gente falou aqui nessa disputa política que Marica Macedo ocupou papel de destaque, então a partir daí

houve várias ocorrências e uma das mais graves foi justamente o “Fogo do Tavera” que foi justamente também o ponto chave para ocorresse a invasão a Aurora em 1908, ou seja, o momento que ela criou essa confusão e praticamente tirou do poder o prefeito da época, o Totonho de Monte Alegre, como a gente chamava, o nome político dele, então logo ela quis colocar o coronel Cândido do Pavão, que era um dos seus liderados e aí criou naturalmente, uma rixa política que culminou para uma disputa mais ferrenha, que passou a ser não mais política e sim familiar, pessoal. Questão da briga mesmo, o risco de ocorre assassinato como ocorreram, então essa briga culminou com uma invasão lá no Tavera, por que houve realmente fogo, o que a gente chama hoje tiroteio mesmo, então nesse tiroteio um dos seus filhos faleceu, e aí aumentou ainda mais a briga política, então ela criou ainda mais raiva, vontade de perseguir e destituir seu inimigo político, a ponto de pedir ajuda aos coronéis da época, então todos os latifundiários chamados de coronéis naquela tempo, que eram naturalmente muitos deles aliados de Marica, mandaram jagunços para Aurora, ela pediu, ela se sentiu ofendida, por conta, não foi só por conta da morte, a morte foi só uma derivativo, mas antes já existia essa rixa. A culminância foi a morte do filho, e aí vários coronéis aqui da região mandaram jagunços a pedido de Marica para invadir Aurora e destituir o prefeito, Totonho de Monte Alegre. Então houve a invasão e até hoje o que é contado e o que é escrito, há quem diga que muitas coisas absurdas não foram escritas, por motivos óbvios, para não atingirem famílias, mas foram barbaridades que ocorreram, as maiores que a gente possa imaginar ocorreu em Aurora, imagina uma cidade como essa invadida, que era uma cidade tão pequena, invadida por, segundo alguns historiadores, quase 600 jagunços e só saíram por conta, na época a igreja tinha um certo poder, uma certa consideração pelas pessoas, inclusive as lideranças, a igreja interviu, através de uma figura eclesiástica muito forte, que veio a Aurora inclusive, e viu que era coisa inaceitável e o obedeceram, mas passaram muitos dias aqui, então a Marica foi a peça chave para isso, essa disputa política que passou a ser uma disputa familiar, fez com que Aurora fosse invadida e que ficasse na história do Cariri. E o “Fogo do Tavera”, onde houve o tiroteio, e conseqüentemente a invasão, foi destituído o prefeito, a ordem social não teve mais validade, o comércio foi invadido, os grandes proprietários tiveram que ir embora, os inimigos dela foram perseguido, dono de engenho tiveram que ir embora, as fazendas foram queimadas, engenhos foram quebrados, a produção agrícola, como algodão, como rapadura foram saqueadas e queimadas também, então todos os possíveis inimigos políticos de Marica tiveram que sair de Aurora, tanto da sede, quanto da zona rural temendo represaria dos jagunços que não tinham ordem, pessoas sem a mínima, nem senso de ética que tomaram Aurora de assalto e fizeram barbaridades.

**Eu:** E quanto a demarcação de terras do Coxá, o que tem haver com esse episódio?

Curiosamente até agora os historiadores, inclusive eu, eu acho que tem alguma coisa que não foi contada, alguma coisa que precisa ser averiguada ainda, por que eu, sinceramente, eu não acredito em coincidência, por que houve uma coincidência aí muito forte, ou seja, a invasão de Aurora, mas no início, o “Fogo do Tavera”, coincidiu praticamente com a demarcação de terras do Coxá, que é próxima, quase extremo ali, como se fosse uma só localidade, ocorreu quase simultâneo, houve uma coincidência aí, de modo que eu particularmente, isso aí é muito subjetivo, eu acho que como a demarcação foi feita pelo Floro Bartolomeu, que era homem forte do padre Cícero, tornou-se Deputado Federal importante no Cariri inclusive, como havia uma rixa dos proprietários das terras com o padre Cícero não reconhecendo a propriedade, doutor Floro tomou nas mãos essa rixa, talvez, alguns dizem que o padre Cícero nem aceitou isso, o padre Cícero não queria que fosse feito assim, mas o dr Floro era muito afoito, tinha a fama de valentão, tinha o poder político, era um cara inteligente, médico, enfim, tinha sua hegemonia sobre as lideranças políticas e sobre também o que ocorria no cariri naquela época. Então ele veio e fez a demarcação por meio das balas mesmo, por meio da força, então demarcou com um grupo de jagunços, inclusive há quem diga que invadiu terras e foi muito simultâneo ao que ocorria com Marica ali, do lado ali, questão de três ou quatro quilômetros só, então alguma coisa tá mal contada nessa história, eu creio que no “Fogo do Tavera” e como também, subseqüentemente, na invasão a Aurora teve alguma participação, alguma ajuda do Floro Bartolomeu, por que era muito difícil e curioso que Marica pudesse ter recebido ajuda de vários coronéis, até do coronel do Crato, Milagres, da região toda e o Floro que era um homem forte e um homem que tinha seus jagunços, como teve, participou do Tavera aí, ou seja, na demarcação da minas do Coxá, ele tivesse participado também de uma coisa que estava acontecendo naquele momento, então foram ocorrências muito importantes que aconteceram praticamente num momento muito próximo, questão de um dia, dois dias, ali naquela região de Tavera e Grossos que é hoje o Coxá.

**Eu:** Naquela época podia haver uma divergência política entre Floro Bartolomeu e Marica Macêdo?

Se nos formos valer do que ta escrito, não tem nada escrito a respeito, mas eu creio que é possível que houvesse mais proximidade de apoio, do que de ódio, de inimizade entre os dois, por que ela como uma liderança importante que tinha o apoio de vários coronéis, naturalmente que era para ter também do doutor Floro Bartolomeu, como eu disse, e você



pode perguntar e o padre Cícero, eu não sei com relação a isso porque não tem nada de registro escrito que possa apontar para o possível apoio do padre Cícero, mas provável que seja do Floro, o doutor Floro que esteve aqui nesse período, agora o que se tem aí que a gente pode, assim, uma ligação de Aurora com essa questão do padre Cícero é quando o padre Cícero resolveu chamar todos os coronéis, no encontro lá do padre Cícero, para pedir paz na região, aí todas as cidades mandou seu representantes, ou ia o coronel diretamente, homem forte da época, ou mandava representante, de Aurora quem foi, foi o coronel Cândido do Pavão que era uma dos liderados de dona Marica, ou seja, era do lado de Marica, e ele foi representar Aurora nessa reunião dos coronéis do Juazeiro, feita pelo padre Cícero que foi justamente para pedir que acabasse com a violência, que acabasse com essas disputas, que acabassem com as mortes, assassinatos, enfim as brigas políticas que estava muito fortes na época em toda essa região, que um ganhava a força e destruía o prefeito, destruía, tomava o poder e colocava outro, então foi mais ou menos uma reunião assim de coexistência pacífica e teve a participação de Aurora, então porque o coronel Cândido do Pavão esteve lá? Porque naturalmente era um homem forte, representante de Marica e que também foi do lado do padre Cícero, porque se fosse inimigo, ele também não teria ido, com certeza.

**Eu:** A partir daí como ficou a política em Aurora?

Bom, após a retirada dos jagunços que saíram, o Cândido do Pavão assumiu o poder. Na época o presidente, como chamava o Governo do Estado, o governo do estado, chamava-se Presidente do Estado, recebeu suas críticas e resolveu intervir de modo pacífico, ou seja propor que o sucessor, o Cândido do Pavão, fosse alguém de consenso e fosse alguém que posse fim a essa disputa que tava muito sangrenta, então depois dessa ocorrência, da invasão, quando Cândido assumiu o poder, subsequentemente as coisas aconteceram de forma mais harmônica, não houve mais essa disputa tão sangrenta, tão forte ao ponto de fazer com que Aurora ficasse conhecida na história do nordeste, como uma cidade violenta por essas e outras coisas danosa que a gente tem escrita na história cariense.

**Eu:** E o poder de Marica Macêdo, ser conhecida como coronela. Você acredita que advêm de onde?

Eu diria que é assim. É inexplicável como que numa época tão difícil como aquela, em que a mulher era colocada no segundo plano, a mulher naquela época era cuidar da família e da cozinha como se diz, e Marica ascendeu a um ponto de pontuar entre os coronéis da época da época, ou seja, quando cada cidade tinha seu homem forte, aqui na Aurora quem conseguiu

essa preponderância foi Marica Macêdo, então só comparado aqui na região, inclusive ela é até tema de Raquel de Queiroz que escreveu sobre esse matriarcado e a comparou, inclusive aqui próximo, a dona Federalina aqui de Lavras da Mangabeira, então primeiro é algo que eu digo que é de DNA mesmo, por que ter a coragem de fazer esse enfrentamento não é fácil, principalmente naquela época e ela conseguiu ser uma líder política ao ponto de comandar o poder político, colocar aqui no poder quem ela queria, família dela ,filho dela inclusive foi prefeito e ela ser consultora, ou seja, no mandato do filho dela, por exemplo, ela conseguiu fazer com que Aurora fosse dividida, uma coisa muito inteligente, a gestão de Aurora naquela época foi dividida em duas partes, ou seja o filho comandava o que acontecia para cá e ela para o Tipi e há quem diga que deu certo. Foi uma gestão muito interessante, então além dela colocar no poder, ela era consultora principal, e tudo que se fazia pediam-se a ela ideias, orientação, ela era muito perspicaz nesse aspecto, além da sua valentia, contada aí em prosa e verso, ela tinha um certa força sobre os homens da época, os homens do poder e também tinha ideias, por que a gente imagina que uma pessoa que tenha essa coragem seja, se impôs através da força, mas não é não, a inteligência, a perspicácia, a forma de visualizar as coisas, de ver as coisas mais na frente, foi naturalmente uma mulher além do seu tempo em uma série de fatores, eu acho que a principal ou as principais foram a coragem e a inteligência para fazer esse enfrentamento.

**Eu:** Algumas mulheres da família Macêdo são inclusive comparadas a ela você acredita que seja por que motivo?

Esse comparativo eu não vejo bem assim como um comparativo a altura de Marica Macêdo não, mas se há esse comparativo é por uma questão de DNA mesmo, alguém deve ter herdado da questão biológica, mas eu acho muito difícil assim, até porque o momento foram outros, os tempos são outros, eu acho que cada época tem um momento, esse negócio de comparação é muito complicado, acho que essa natureza, essa questão de temperamento e muito particular, mas se existe é porque há uma herança genética muito forte.

**Eu:** Ainda voltando um pouco ao “Fogo do Tavera”, ela se abrigou numa casa de determinada pessoa, era parente dela?

Família Santos. Ela tinha parentesco sim, na verdade, como ainda hoje, mas naquela época principalmente, as famílias eram muito interligadas, é tanto que até o prefeito que foi destituído tinha parentesco com Marica, então eram, tinha esse parentesco.

Qual a importância da memória para a sociedade?

Sem dúvida, acho interessante que os centros dos radiadores do saberes elas se voltam agora, bem mais que antes, sei lá, mas do que nunca para essa questão da história, é importante sim, por que uma sociedade que não tem história, ela não compreende a si mesmo, então a compreensão do passado e a interpretação correta no presente, para que se possa haver horizontes para o futuro tem que ter esse conhecimento baseláceo do que aconteceu, que dizer, em torno da história, então é fundamental que a geração do presente conheça seu passado, suas origens para que posso primeiro ter apego a sua própria história e segundo compreende-la para traçar, como eu disse, horizontes e talvez até para não cometer os mesmos erros. Então estudar a história, preservá-la, resgatar e trazê-la a luz da modernidade para novas gerações é algo fundamental que também eu diria que em um ponto mais culminante ajudará no progresso cultural de cada indivíduo, de cada pessoa, isso é fundamental, no contexto do mundo moderno ninguém pode abrir mão do seu conhecimento histórico quem faz isso é realmente um sinal de atraso.

**Eu:** Algum ponto que você queira colocar mais nessa entrevista?

Assim eu tenho uma certa crítica sobre a história academicista, a história academicista é aquela que se prende somente a questão do registro, registro histórico mesmo, ou seja, quando você falou aqui em obter informações da oralidade das pessoas, isso aí eu acho que já é algo a ser acrescentado como importante, eu prezo muito para a história que ela saia um pouco, não é que ela abandone, por que registro histórico fundamental, mas que também possa pesquisar, verificar aquilo que não foi escrito, ou seja muita coisa que não foi escrita precisa ser escrita hoje antes que morra, que se a gente for se deter no que somente tiver escrito e o que não foi escrito? Por vários motivos, por medo, por incapacidade de quem escreveu, por falta de compreensão, de bom senso, de ética com o fenômeno histórico mesmo em si, então muita coisa esta se perdendo justamente porque nunca foi escrita por vários motivos e que a historia academicista relegou como não importante e então fazer isso agora é fundamental antes que se perca. Só isso.

**Eu:** Agradeço pela entrevista, caso precise voltarei para outros esclarecimentos.

Pode sim, estamos a disposição.

### **Entrevista 06: José Alves de Souza concedida em 10 de novembro de 2019**

Aurora-Ceará, 10 de novembro de 2019, entrevista com José Alves de Souza, para o trabalho monográfico “Tramas políticas de uma líder: o poder de liderança de Marica Macêdo na cidade de Aurora- Ceará (1908-1924), a cargo da aluna Rejane Maria Leite de Oliveira Macêdo e da orientadora Silvana Vieira de Sousa.

Nome do entrevistado

José Alves de Souza

Idade: 86 anos

Profissão

Metalúrgico aposentado.

Eu não cheguei a conhecer ela não. Ela foi uma intendente aqui de Aurora mandou no município de aurora, foi prefeita e tudo. A nossa Aurora as coisas era muito atrasada. O povo tinha pouca cultura, mas dona Marica teve um entendimento muito forte, naquele tempo o povo era muito pouco, vê como ta. A mãe de Carlim ela fez o 4º ano em Aurora naquele tempo, os professores de Aurora só davam aula até o 4º ano, Oo 5º ano tinha que fazer no Crato, quem podia pagar os estudos dos filhos, arrumava uma casa lá, pegava o trem e ia para lá, enfim. Hoje aqui no Tipi os alunos estudam até a 9ª série, olha que desenvolveu muito, né! Melhorou mais, eu não sei a cabeça daquele povo sim, mas não tinha estudo o povo não tinha, o seu Silvino aqui ainda se formou José, Augusto e Vicente, que é o q ainda ta vivo, Vicente Macêdo, ele quer muito bem esse lugar, eu admiro muito a pessoa filho dessa terra, ta certo ele estudou no Rio, seu Silvino pagou os estudos dele, naquele tempo era difícil estudar, faculdade era para qualquer um não. Bem, morreu seu Silvino, morreu dona Maroca, tem Dr. Vicente e Assis tá muito atrapalhado, não conversa mais nada que se aproveite. Dr. Vicente quer muito bem a esse lugar, sempre ele vem aqui, mora lá em Brasília, anda e vira ele vem aqui, um camarada muito amoroso a terra, eu vi gente daqui do Tipi, que chegou para mim dizendo para mim, não foi Dr. Vicente não, foi gente daqui do Tipi mesmo, não teve estudo, estudou pouquinho, mas casou com uma marmiteira da família Matarazo, naquele tempo lá em São Paulo, tempo que havia as indústrias Matarazo. De forma que sua grande vontade de nordestino casar com moça da família italliana, mas era um povo que não queria saber de

nordeste, esse camarada era parente meu, ele chegou a dizer para mim o seguinte: não adianta eu gastar dinheiro com uma passagem para ir visitar aquele povo. Meu amigo esse povo não fizeram mal a ele não, o pai dele pobre, não pode botar ele no colégio, mas ele já saiu alfabetizado daqui para São Paulo, ele ampliou um pouquinho lá, tudo bem, arranjou um empreguinho nas casas pernambucanas e se trabalhou um tempo por lá, se aposentou. Mas não formou os filhos. De tanto o povo falar mal do nordeste, que aqui era seco, um menininho com treze anos, bisneto do Zé dos Santos, disseram a ele não vá para lá não que não tem água para você beber, não tem água para você tomar banho e botaram isso na cabeça do menino e lá em São Paulo não tinha com quem ele conversar não, só a mãe e o pai, por ai vai. Disseram não vá para lá não, que não tem água para você tomar banho, não tem água para você beber. Ele veio aqui na época da chuva, comezinho de janeiro, o rio já tinha água, de tanto falarem mal do nordeste que o garotinho de 13 anos entender, ai conversou com meu tio e achou muito boa a palestra dele, até gravou de maneira que ficou não é assim, ele sujou o tênis de lama e a roupa para a mãe dele lavar lá em São Paulo, veja bem tem umas pessoas que falam mal, mas tem outras que falam bem. O seu Vicente Macêdo anda por Brasília, ele excrevu um livro sobre a esposa, a Tereza, ele queria muito bem, ele sempre fala, ele quando vinha trazia os filhos, os netos tiravam retrato ai, de forma que tão lá para Brasília, esquece esse lugar. Eu dou valor a essa pessoas que dão valor a terra, por que meu amigo. Eu conversando com um rapaz daqui, todo ano ele vai para São Paulo para o corte de cana, eu perguntei para ele se vai algum rapaz de São Paulo corta cana com eles, ele disse nenhum camarada de São Paulo, a não ser aqueles que vão trabalhar com aquelas maquinas que hoje faz o trabalho por mais de 200 homens, cortando cana, essa daí não ficou para nordestino não, por que é tudo na base do computador, essa operação é feita pelo computador, eu disse, veja a força nordestina lá no sul do país. Eu tenho muita história do que vi sobre o nordeste e o São Paulo cresceu a custa do nordestino, ainda hoje tem nordestino que ta bem lá em São Paulo. Ainda hoje eu escutei o pronunciamento de Lula, eu não sei se você ouviu, foi transmitido pela rádio Alto Piranhas, um programa que tem depois das onze, chamado Trem das Onze, eu e Lula bebemos da mesma garrafa, não bebemos do mesmo copo, mas bebemos da mesma garrafa, foi presidente dos sindicato dos metalúrgicos. E pelo que Lula falou, a prisão de Lula foi política para ele não se candidatar, porque se ele tivesse se candidatado teria ganho no primeiro turno, nós estamos com um presidente aí, mas ainda eu não vi nada que chegasse a dizer, ou que coisa boa que esse homem fez, não é! Nada. De maneira que ta aí, vamos ver se nesse um mês e pouco e nesses três ano daqui para frente, se ele resolve algum problema, de bom até o momento, nada. Veja bem o Lula, quem não lembra daquele ministro o Joaquim Barbosa?

Ministro da Justiça, no supremo lá, de tanta pressão ele pediu aposentadoria, certo que já tinha direito, mas foi o Lula que colocou o Joaquim Barbosa. O Lula foi solto sexta-feira, quando foi sábado ele fez esse pronunciamento no Sindicato dos Metalúrgicos, Lula velho. O Brasil vivia empenhado devendo ao fundo monetário, FMI, desde o governo militar, não teve um que tirasse, o Lula tirou, no primeiro mandato dele livrou as contas do Brasil, no segundo ele pagou e dispensou o FMI. Você tá pensando que os americanos gostaram disso? Gostaram nada. Os americanos são muito inteligentes, eles gostam de viver, eles são muito ambiciosos, eles querem dominar o petróleo, querem dominar todo comércio do mundo. Você ver que a China é uma potência mundial, tá meio a meio com os Estados Unidos, dividido. Bem, mas muita gente adota a política americana, você tá pensando que lá nos Estados Unidos não tem gente na miséria? Tem, é porque eles não mostram. Só mostram o lado bom. Eu assistir uma reportagem mostrando aquele povo da África, da Somália, da Etiópia, um povo tudo sofrido, aquelas crianças que só tinha a cabeça e o buxo. Aí fizeram uma reportagem sobre o Brasil, começaram a mostrar as favelas de São Paulo, de Brasília, do Rio de Janeiro, de Minas, de Salvador, Fortaleza, meu amigo tem pouca diferença daquele tempo das crianças brasileira para as crianças da África. De maneira que o Brasil não está nessas condições mais não, o que o Lula fez. Eles não querem o desenvolvimento do nordeste não, o nordeste precisa de água, falta pouca coisa para terminar esse restinho de serviço da transposição, pouquinho coisa e eu não sei porque não foi concluído esse trabalho. De maneira que os deputados do Ceará e da Paraíba eles não bebem água da CAGECE não, eles bebem é água mineral, eles não sabem nem... porque lá quem faz a feira é as empregadas, né.

Eu: O que o senhor sabe sobre Marica Macêdo na cidade de Aurora no início do século XX?  
 A dona Marica, ela foi prefeita uma vez, mas houve aí umas políticas no meio que reuniu José Inácio do Barro, naquele tempo depuseram a dona Marica, ela foi deposta, perdeu o mandato, mas naquele tempo a razão política, a força era no bacamarte, não tinha nenhum fuzil, a força era no bacamarte. Quem desobedece às ordens dela ia para o chicote, aqui no tempo da chibata, você não conheceu não, mas o seu pai conheceu, camarada não podia falar de política não, se falasse de bem ou de mal tinha alguém para contar a história lá e mandava buscar o cabra e dava uma surra. Os candidatos que era para votar tinha que ser no candidato indicado, se não votasse e o candidato perdesse, eles sabiam que o cabra tinha votado contra, e assim por diante. Hoje o voto é democrático, você vota em quem quer, eu acho legal assim.

Eu: Porque dona Marica era tida como Coronela?

Porque era tipo homem, não tinha os coronéis homens, ela como mulher também representando a política do lado dela defendia muito bem, a parte política dela, ela não desagregava, não perdia para ninguém não, apesar de não ter muito estudo, mas era uma mulher sensível, enviuvou, casou novamente não deixou família, mas eu não conheci, conheci os filhos dela, seu Silvino, o finado João Macêdo, Antonio Macedo que foi delegado e seu Filinto que foi visinho nosso aqui. Bem, morreram todos, eu conheci todos, eu não conheci o Mundoca, que era o pai de Chico Mundoca, lá no hospital tem uma sala Francisco Furtado de Macêdo. Tem muito dessa família Furtado na Paraíba, uma parte nas Lavras, essa família Furtado que era da dona Joaquina Macêdo da região de Lavras. Bem, falar dessa família Furtado ai teve um Celso Furtado que abalou o mundo o conhecimento desse homem, ele é daqui da Paraíba, Celso Furtado foi grande economista, enfim e tem uns jornalistas ai, tem o Wilson que é advogado e jornalista, tem o Amaury Furtado esse homem é uma fera no rádio, enfim. E naquela época houve essa família Furtado, justamente Mundoca Macedo casou com uma pessoa que era não sei o que Furtado, seu João Macêdo casou-se com dona Joaquina Furtado de Macêdo, justamente Chico Macêdo ali é Francisco Furtado também. Chico de Mundoca estudo para padre, mas não quis seguir a carreira de padre e ficou por aqui, trabalho com seu Silvino no caminhão, mais Moacir Macêdo, tô falando dos anos de 1948.

Eu: E a divergência política de Marica Macêdo e Antonio Leite Teixeira, o coronel Totonho?

Eu não tenho assim um conhecimento, esse livro de Areovaldo Tavares de Macêdo tem uma história que conta bem, eu lembro essa história do livro de Areovaldo, as histórias de Lampião, naquele tempo Lampião teve hospedado aqui no Ceará, teve hospedado aqui nessa propriedade que nós estamos aqui, naquele tempo não tinha essas intrigas, mas ele teve aqui, Lampião veio para Juazeiro em 26, ficou por aí, padre Cícero que deu a patente de capitão Virgulino, e disse você fique no Ceará, mas não bula com o povo do Ceará não, Lampião foi obediente. Aí o trem chegou aqui em Aurora em 1920 e ele chegou em 26 no Juazeiro, eu não sei se ele já veio do Juazeiro para cá de trem, desceu na Ingazeiras, aí o camarada naquele tempo não havia transporte, o transporte era o animal. Passava um camarada a cavalo e dizia: Lampião ta na Ingazeiras, o povo aqui no Tipi só faltava morrer de medo, a minha vó mesmo foi dormir lá na quebrada da serra, abandonou a casa porque Lampião ia passar por aqui, mas ele não fez nada com ninguém não. Fizeram covardia com ele Lampião, o tal de Massilon, não sei se foi prefeito de Aurora, o Zé Cardoso e Miguel Saraiva, naquele tempo eles eram novos. Ofereceram um almoço a Lampião ele aceitou o convite, ta na história do livro de

Marica Macêdo, assim de Aereovaldo, conta uma parte da história da Marica Macêdo, e assim Lampião aceitou, mataram uma criação, mas de 60 homens. ai fizeram um pirão, Lampião com sua experiência, ele tinha uma colher de metal, toda vida quando ele ia comer botava aquela colher dentro, tinha relógio, relógio de bolso. Botou a colher lá dentro, marcou o tempo quando ele retirou a colher, foi dizendo, “ninguém come dessa comida que está envenenada!” Quer dizer, os amigos convidaram o homem, com a turma dele; agora quem foi Massilon, Zé Cardoso e Miguel Saraiva. Sabe onde era a fazenda do Zé Cardoso, lá na Impueiras, ora Lampião tolerou tudo isso, então ele se levantou e saiu dali, parou na casa de João de Osasco, ai chegou lá ele pediu ajuda, disse: em que eu posso servir, nós estamos com fome, ai o homem João de Osasco disse: Aqui nós só temos farinha e rapadura, mas ta com fome come tudo, né. Aí deram farinha, rapadura, comeram a vontade, comeram rapadura, comeram farinha, tomaram água. O camarada pensa que cangaceiro naquele tempo passava bem, passava bem não gente. Chegou na Malhada Funda, na casa do pai do José Gonçalves, um tão Zé Saburá, chegou lá pediu ajuda, ele disse: “em que posso ajudar, servir?” Estamos com fome. Ele disse mata um boi, eles mataram o boi, eles estavam com tanta fome que os primeiros pedaços de carne que foram assando não conseguiam comer, não tinha mais ababa na boca. Aí as carnes eles colocavam nos bornós com farinha para comerem depois ,isso ta no livro de Aereovaldo.

Eu: Ele passou pela propriedade de Marica Macêdo?

Eu não sei se Marica Macêdo morava ali onde é Chico Macêdo, ali no Jerimum. Foi derrubada, Chico Macêdo reformou, hoje é uma casa grande. Onde era do Cazuzza, ai moreou ficou para herdeiros e tal, o menino comprou uma parte, o Willams, filho do João Bezerra, tanto que ta até arrumadinha, o mato tava cobrindo tudo. Comprou barata essa propriedade, só o dinheiro que gastaram para fazer aquele açude ele pagou por essa propriedade ainda sobrou dinheiro. Seu Chico Macêdo desfrutou pouco dessa propriedade, porque plantaram cana naquele trecho ali, tinha água, mas devido à falta de gente eles acabaram. Daqui da divisa do município de Aurora com a Paraíba, tinha 22 engenhos, só nessa região nossa aqui, hoje não tem nenhum, acabou a produção de cana de açúcar, de algodão. Essas casas aqui foram construídas na época que tinha safra de algodão, passou esse tempo todinho só aumentou duas casas ali pertinho do grupo, no projeto da Dilma. A turma fala mal da Dilma, e isso e aquilo, eu não achei mal a Dilma, ela digamos o lula falou um pouco, mas falou dela. Essa transposição tem gente querendo pegar carona, como aquela Marina Silva, quer vir visitar, mas o que a Marina Silva Fez? Nada. A Dilma e o Lula ainda fizeram alguma coisa, uma



parte da Paraíba já tem água da transposição, mas esse trecho aqui, que vem aqui por Jati, falta pouca coisa para concluir, esse políticos enganam muito o povo.

Eu: O senhor sabe alguma coisa sobre o “Fogo do Taveira”?

Não. Assim, ouvi falar né! Que justamente, mataram o filho da dona Marica foi questão política naquele tempo, ela correu daqui e onde ela ficou lá, houve aquele clima revoltado.

Eu: Com o Teotonho Leite?

Eu não sei quem era Teotonho Leite, ai justamente ela foi perdendo a crença política, perder um filho um rapazinho já de 17 anos, para uma mãe de família, já não tinha o marido, já tinha morrido. E bem eu não cheguei a conhecer dona Marica, veja bem a história do Lampião eu contei né? Ele passou por aqui, ficou hospedado nessa propriedade, mas Lampião deu a mão a muita gente aqui também, só ali na fazenda Impueiras, agora veja bem, qual era a tendência de Lampião, que só de munição e armamento ele comprou trinta e cinco conto de réis naquele tempo, e naquele tempo o dinheiro era mais moedas, não era nota não havia. Veja bem, os Paulinos, João Paulino deitava e rolava, eles eram aqui das Antas ou do Pavão, e se chamavam os desalinos, ai João Paulino veio para Aurora, essa história esta no livro de Aereovaldo, a mãe dizia “olha vocês vão para Aurora, mas não arrumem confusão, por que se apanhem por lá, quando chegar aqui eu dou outra surra”. A mãe dizia isso para os filhos qual era a tendência desse homens numa ignorância daquele tempo? Eles deitavam e rolavam, João Paulino chegou em Aurora, tinha tomado umas cana por ai, nessa época não tinha o mercado ainda, tinha uma banca de carne de um açougueiro de lá, uma banda de boi lá e João Paulino jogou o cavalo por cima derrubou a banda do boi no chão, aí os camaradas gritaram, eita João Paulino chegou com o cão nos couros, só isso ai já intimidava, só em ser Paulino já intimidava. Tinha o destacamento seis soldados, ali pertinho onde era casa de Erardo, Marcilio, era por ali assim onde o sargento tava hospedado, ele e seis soldados, ai deram as informação de João Paulino, ele não conhecia João Paulino, mas pela informação ele chegou até ele. Quando chegou no João Paulino ele foi logo dizendo: “Você que é o João Paulino? Aí João Paulino disse: Sou inteirinho, sem faltar um pedaço. Tem negócio? Então o delegado falou para João Paulino: Então ande direito. Ele respondeu: e eu estou andando torto(risada). Ai tinha o Candido Ribeiro Campos que era tio deles, ai o sargento chegou lá, por que nessas alturas, antes disso, o João Paulino tinha deixado o revolver e uma faca numa bodega lá, e quando o cabra disse isso: Você que é o João Paulino? Aí João Paulino disse: Sou inteirinho, sem faltar um pedaço. Tem negócio? Pois ande direito, então João Paulino foi buscar o

revolver, mas não atirava bem não, por que ele com tanta munição e não acertou nenhum tiro no sargento, nem o sargento atirou nele. Pois bem, foram aos tabefes, foram aos tapas, João Paulino sem ter instrução, mas derrubou o sargento no tabefe. Ai a turma....chegou lá separaram. Aí João Paulino foi na casa do Intendente que era o Cândido Ribeiro Campos, tio do Cândido Branco por ai. Eu tenho um grande sentimento nos nossos representantes, não era para Aurora, Aurora era para ser o primeiro município a receber energia, mas veja bem como é o contraste, Aurora vive atrasada até hoje, mas vem de longe, do começo. Nunca teve um representante que gostasse, por que Aurora era para ter mais desenvolvimento, penso eu. O município que chegou a alcançar o segundo lugar no estado na produção de algodão e cana, não era para viver hoje na dependência, Aurora era para ter mais estrutura, ter uma delegacia, ter um hospital mais, digamos que serve para fazer consultas, melhor que consultar...mas Aurora todo dia vai gente para Barbalha, Brejo Santo e Juazeiro esse povo era para ser atendido tudo aí em Aurora, o hospital de Aurora era para ter UTI, tudo, médico permanente, enfim, mas não sei por que, por que não.

Eu: O senhor acha qual o motivo desse atraso?

Falta de interesse político, que era para cobrar do estado, do governador, dos deputados estaduais, federais, senadores; Aurora não tem um representante, aliás parece que não elegeram nenhum deputado aqui de Juazeiro, sempre elegia Welligton Landim, que é família da dona Marica. Nossa Aurora era para ter mais empenho, mas ficou nisso mesmo. Ninguém cobra. Hoje, você ver tem uma apresentação de teatro do Juazeiro, essa apresentação de vez enquanto eles apresentam aqui no Tipi, vem do Juazeiro, vem do Crato. Ana Magalhães ali que patrocina e eles vêm, é custeada pelo Banco do Nordeste. Agora o sol quente em Aurora, uma hora dessa, pelo o amor de Deus, aqui a gente ainda tem essa sombrinha aqui, mas Aurora ainda tem aquela sobrinha ali da praça, mas essa hora ta pegando fogo, ta mais quente do que aqui. De forma que o sentimento que eu tenho de Aurora naquele tempo, Araripe foi eleito prefeito de 50 para 51, seu Tonheta, então trouxeram quando trouxeram o projeto para a Ingazeiras, o Ceará não tinha energia, Aurora era para ter sido o primeiro município a receber energia, ficou por último de tudo, a energia chegou em Fortaleza e Aurora no escuro, mas como é que pode? A rede de energia passar aqui, chegar energia em Fortaleza e aurora no escuro, não é falta de visão. O deputado que nós tinha que era para votar a favor, votou contra, o Cândido Branco. Eu não sei como colocaram o nome dele numa rua, que não merecia, por que os vereadores é quem aprova para botar nome numa praça, praça fulano de tal, tem que ser votado na Câmara, rua fulano de tal, colocaram o nome de Cândido Ribeiro

Neto, mas não merecia, ele votou contra, por que votaram o nome do homem? Não merecia botar o nome dele em rua nenhuma, mas foram os vereadores que quiseram, fazer o que. Às vezes eu fico pensando, Aurora tem que ficar no atraso mesmo, mas é por que os representantes não se interessam, por que Aurora era para ter sido o primeiro município, é o sentimento que eu tenho é esse. Quando eu cheguei na alfaiataria de Aduauto Campos, em 51, lembro bem, escolhi o pano, ele tirou a medida, quando ele começou a cortar pano, chegou dois cidadãos no comércio de Aurora e disse: como é que pode? Energia ser feita com água, isso daí não vai ter futuro não, um deles lá, pensamento negativo dele lá, o outro completou dizendo: isso daí não vai dá certo não, pois não deu certo mesmo não. Tiraram o projeto da Ingazeiras, Aurora perdeu de 10 a 0, nesse joguinho ai, era para ter vindo o projeto para Aurora, e da Ingazeiras não sai. Chegou energia em Fortaleza, o contraste, parece que os homens de Aurora gostam mesmo é de tá no atraso. Dependendo de um e de outro. Tá aí a festa do município, ninguém vê falar, chegou um papel aqui da SECULT, Secretaria de Cultura, mas não saiu o nome do prefeito, vereador, só a Secretária da Cultura. De maneira que vai ter a apresentação de palhaços, essa coisas assim e tudo. Aurora era para ter mais renda, por que já pensou? por que só de funcionários , lá em Milagres tem mais de 700 funcionários, da empresa, se fosse aqui em Aurora, esses funcionários não ia gastar esse dinheiro lá no Milagres não, ia gastar aqui no município, a arrecadação do ICM ficava no município, mas fazer o que? Os representantes da época não entendiam muito também, e assim por diante, passaram os tempos e Aurora não terá mais chance para nada. Aquela ponte que fizeram foi a salva guarda, agora Aurora precisa de outra ponte, ou paralela ou em outra área, por que no dia que precisar fazer uma manutenção ali, como é que pode fazer? aí tem que parar, então eles tem que fazer uma outra ponte para salvar aquela dali quando for na época, por que foi feita em 65 para 66, naquele tempo; Antonio irmão de teu pai, trabalhou ali.

Eu: Seu Zuca como é que o senhor imagina dona Marica mandando e desmandando mesmo tendo marido e filhos?

Ela tinha o poder, por que o povo obedecia o mais forte, o mais forte falava mais alto. Isso que eu falei agora, aqui, se fosse naquele tempo e alguém escutasse, ia contar a história lá, a chibata vinha bater no meu espinhaço, era. “Você andou falando de nós aqui”, ninguém podia falar em política não, de jeito nenhum, podia falar de política de jeito nenhum. O finado Mundoca Macêdo era delegado e andava com uma chibata costurada debaixo da estola, e aquela chibata não se desmanchava fácil não. Aí andava um tenente aí, não sei se veio de

Fortaleza, e aí viu ele com aquela chibata e perguntou: “E essa chibata?” “Eu sou delegado”. Aí ele disse assim essa chibata vai servir para seu espinhaço mesmo. Ele era o delegado, não podia fazer nada, era irmão do Silvino, eu não conheci ele não. Daqui ele se mudou, foi injuriado e se mudou para o Jaguaribe, correu para lá.

Eu: O senhor tem quantos anos?

86 anos, completei agora o mesmo passado, 86 janeiros.

Eu: Seu nome completo?

José Alves de Souza, mas popular Zuca.

Eu: O senhor já é aposentado?

Já.

Eu: Antes o senhor trabalhava?

Me aposentei em São Paulo. Trabalhei na indústria, eu era metalúrgico, conclui meu tempo de trabalho, me aposentei lá e vim embora para cá. Se tivesse ficado lá já tinha morrido, por que aposentado naquele tempo com dinheiro no bolso quer tá na boa tomando uma cervejinha, uma cachacinha, uma coisa e amigo só bota o camarada no buraco, como diz a história. Hoje eu escutei o pronunciamento de Lula e o que Lula falou foi realidade. Ele foi solto sexta-feira, ele vai vir visitar a Paraíba, ele e o Fernando Hadad vão vir visitar o Brasil todinho. Vão fazer uma campanha de Brasil aí. Se tem deixado ele se candidatar, quer dizer deixaram, não fizeram foi aprovar por que ele estava preso, não podia ser, mas se o Lula tem sido, teria ganhado em primeiro turno, eu não vou dizer que o Brasil tava melhor, por que até agora não vejo melhoria, o FPM que é o Fundo de Participação dos Municípios caiu 30% em todos os municípios do Brasil. O desemprego não melhorou nada, fez foi aumentar. A Dilma Rousseff, o erro da Dilma, ela emprestou dinheiro para Hugo Chaves, Hugo Chaves era amigo de Lula, amigo da Dilma e tal, não sei se teve garantias ou não, para Cuba, emprestou dinheiro para Angola na África, mas tem que ter garantia. Esse dinheiro a título de fundo perdido só... nem os Estados Unidos faz isso, os Estados Unidos quer dominar o mundo em tudo, na era do Getúlio, naquela época não tinha financiamento para os agricultores, tudo dinheiro particular e Getúlio a bolsa de Nova York era quem negociava, com altos e baixos, a bolsa tava boa, a turma fazia bom negócio. Aí a bolsa caía, baixava o preço. Naquele tempo que o Brasil só exportava café, algodão e minérios. Então o Getúlio viu a jogada, na era Getúlio, Getúlio

pagou o café aos agricultores, mas o erro do Getúlio foi, olhe queimou o café; quem quiser tomar café, compre. Porque ele não abriu negócio com a Rússia, com a China deixasse os Estados Unidos para lá, ninguém é sujeito. Tanto que os americanos chamavam o Brasil, a galinha dos ovos de ouro e a vaca de leite. Os americanos tá pensando que eles gostaram de Lula? De jeito nenhum. Quando o Lula se elegeu primeiro país que ele visitou foi à Rússia, o Brasil naquele tempo, não sei se era o CONAB. A soja, o milho nascia nas pias coberto com aquele encerrado, por que não tinha cooperativa. Hoje não, o Brasil exporta soja, exporta milho, café, algodão, a carne, o Brasil é o maior exportador de carne do mundo, o maior rebanho bovino do mundo é do Brasil, então o Brasil exporta carne de frango, carne de porco, ovelha, caprino.

Seu Zuca eu posso fazer uso dessa entrevista para minha pesquisa,

Pode, qualquer coisa que você tirar aí de conclusão, você diz foi história que seu Zuca lá do Tipi contou, história do passado.

Eu agradeço pelas informações e por colaborar com minha pesquisa.